



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**



**ADRIANA KEIKO HAYAFUJI**

**MEMÓRIAS E IDENTIDADES DE MULHERES NIKKEIS**

**CAMPO GRANDE-MS  
2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ADRIANA KEIKO HAYAFUJI**

**MEMÓRIAS E IDENTIDADES DE MULHERES NIKKEIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Licenciatura História da Faculdade  
de Ciências Humanas da Universidade Federal  
de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Dilza Porto Gonçalves

**CAMPO GRANDE – MS  
2024**

**ADRIANA KEIKO HAYAFUJI**

**MEMÓRIAS E IDENTIDADES DE MULHERES NIKKEIS**

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Licenciatura em História, submetido à Banca Examinadora composta pelos Professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Graduado.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

---

Nome e titulação do(a) professor(a) orientador(a)

---

Nome e titulação do(a) professor(a) membro da banca

---

Nome e titulação do(a) professor(a) membro da banca

**CAMPO GRANDE – MS**  
**2024**

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a todos os professores e aos colegas do Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Especialmente à Professora Dra. Dilza Porto Gonçalves por sempre estar do meu lado, orientar-me, ensinar-me e apoiar-me nos momentos mais difíceis. Além de sua excelência na docência, é uma pessoa espetacular.

Agradeço também ao meu amigo, irmão de coração e grande incentivador, Kelvin Corrêa, hoje professor da rede pública. Tenho muito orgulho dele, me deu força diária para que chegasse até aqui.

À minha filha Naomi, que foi a responsável por eu retornar aos estudos, minha motivação e propulsão para que eu me torne cada dia um pouco melhor.

Quero expressar minha gratidão aos meus pais, Hatiro Hayafuji (na memória e no coração), minha mãe Tereza Satsuki Hayafuji, minha base de persistência, coragem e determinação. Aos amigos, que no decorrer da pesquisa me ajudaram debatendo sobre o assunto, especialmente ao Thiago Moura, professor, pesquisador e meu parceiro diário e minhas irmãs que são meus pilares Kátia Hayafuji, Márcia Hayafuji e Mônica Hayafuji. A admiração por eles me fez buscar a história de tantas Terezas e a minha própria identidade. Cá estou.

*“Você deve criar sua própria identidade. Você não a herda”. (BAUMAN)*

**Resumo:** O trabalho de pesquisa aborda as memórias e identidades de mulheres *nikkeis*, descendentes de japoneses nascidas no Brasil. A inspiração para a pesquisa surgiu durante aulas de História Cultural, onde a autora, neta de japoneses, refletiu sobre sua própria identidade. Ao explorar a construção da identidade de sua mãe, filha de japoneses, e se deparar com as histórias de sua avó, a pesquisa se estende para incluir a cineasta Tizuka Yamasaki. Utilizando conceitos de Stuart Hall e Zygmunt Bauman, a autora analisa a complexidade das identidades dessas mulheres *nikkeis*, destacando a dinâmica matriarcal em famílias “japonesas” no Brasil. A História Oral e a análise das memórias coletivas, seguindo os conceitos de Maurice Halbwachs, são fundamentais para compreender as experiências dessas mulheres. A pesquisa revela como as identidades *nikkeis* são influenciadas pela interação entre a cultura japonesa e brasileira, resultando em uma síntese singular. O estudo destaca as narrativas de pertencimento e as negociações constantes entre culturas, ressaltando a liquidez das identidades, conforme proposto por Bauman. Ao final, busca-se entender a construção da identidade cultural de duas mulheres *nikkeis* brasileiras, Tizuka Yamasaki e Tereza Satsuki Hayafuji, explorando suas trajetórias e desafios ao equilibrar suas origens culturais com a cultura dominante do Brasil. Para compreender as construções identitárias dessas duas mulheres *nikkeis* recorri aos escritos de Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade*.

**Palavras-chave:** Identidade Cultural; Mulheres *Nikkeis*; Memórias Coletivas; Dinâmica Matriarcal

,

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>CAPÍTULO I: IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL</b> .....	12
1.1 - Panorama histórico da imigração japonesa no Brasil. ....	12
1.2 - Impacto da imigração na formação da comunidade <i>nikkei</i> no Brasil.....	16
<b>CAPÍTULO II: HISTÓRIA DAS FAMÍLIAS DE TIZUKA YAMASAKI E TEREZA HAYAFUJI</b> .....	19
2.1 - Narrativa biográfica da família de Tizuka Yamasaki. ....	19
2.2 - Narrativa biográfica da família de Tereza Hayafuji. ....	24
<b>CAPÍTULO III: OS FILMES DE TIZUKA YAMASAKI</b> .....	29
3.1 – Os filmes de Tizuka Yamasaki .....	29
<b>CAPÍTULO IV: AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DAS MULHERES NIKKEIS</b> .....	37
4.1 – As narrativas biográficas das mulheres <i>nikkeis</i> .....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	55
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS</b> .....	59
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	61

## INTRODUÇÃO

A imigração japonesa no Brasil constitui um capítulo significativo na história da formação étnica e cultural do país. Sua origem remonta ao início do século XX, quando o navio *Kasato Maru* atracou no Porto de Santos, em 18 de junho de 1908, inaugurando um movimento migratório que viria a desempenhar um papel fundamental na diversificação étnica e na construção social do Brasil.

O cenário internacional do início do século XX foi marcado por transformações profundas, com as guerras e as mudanças econômicas impulsionando movimentos migratórios em diferentes partes do mundo. No Japão, as condições socioeconômicas desfavoráveis, aliadas à busca por oportunidades além das fronteiras nacionais, levaram à decisão governamental de estimular a emigração. Nesse contexto, o Brasil, tornou-se uma opção para os japoneses em busca de uma nova vida.

O presente estudo tem como foco principal abordar memórias e identidades de mulheres *nikkeis*<sup>a</sup>, ou seja, descendentes de japoneses, porém nascidas no Brasil. Quem são essas mulheres e por que as escolhi para minha pesquisa?

A inspiração surgiu durante aulas de História Cultural, onde exploramos temas como família, cultura, identidades, gênero e memória. Refletindo sobre minha infância como neta de japoneses sempre me questioneei sobre identidades, se era mais "japonesa" ou "brasileira".

As histórias de minha *batchan* (avó) tiveram muitos significados nas minhas memórias, pois minha mãe sempre contava que a *batchan* veio para o Brasil com 13 anos e já estava casada com meu *ditchan* (avô). Eu ficava imaginando uma criança "casada", vindo de navio para uma terra desconhecida, pra mim aquilo era surreal. Naquele tempo ser casada era um dos regulamentos para emigrar. Moraram no interior de São Paulo, trabalhando a terra e criaram os muitos filhos que tiveram, sendo a última gestação de gêmeos, no caso minha mãe Tereza Satsuki e sua irmã Maria Kikue, totalizando uma prole de 12 filhos.

Guiada por minhas leituras sobre representação, identidades e família, comecei a explorar como minha mãe, filha de japoneses, construiu sua identidade, sendo "meio japonesa", "meio brasileira". As histórias familiares, os filmes "*Gaijin I*" e "*Gaijin II*" de Tizuka Yamasaki e sua biografia ecoaram essa jornada.

<sup>a</sup> Todos os termos em japonês estão explicados no Glossário.

Nesse sentido, a cinegrafia e biografia da cineasta nipo-brasileira Tizuka Yamasaki representam caso excepcional em relação à construção da identidade cultural *nikkei*, já que sua família se estabeleceu com uma dinâmica matriarcal, desafiando os padrões normativos de ambas sociedades. As memórias de minha mãe Tereza Hayafuji, também *nikkei* de família matriarcal, refletem com a trajetória de Tizuka Yamasaki e seus filmes “*Gaijin I*” e “*Gaijin II*”, de modo que o estudo das memórias individuais dessas duas personalidades, tem o potencial de oferecer um entendimento coletivo a respeito da construção da identidade de subgrupo sociológico ainda pouco explorado em literatura científica.

Para compreender as construções identitárias dessas duas mulheres *nikkeis* recorri aos escritos de Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* e *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi* de Zygmunt Bauman, que descrevem a complexidade das identidades em sociedade em constantes mudanças e influenciadas por fatores como globalização, migração e fluidez cultural. A partir de sua leitura, apreende-se não só que a identidade é multifacetada, moldada pela autopercepção e percepção social, mas também que as influências globais e as interações culturais intensas transformam as identidades tradicionais. A partir daí comecei a analisar as identidades de mulheres que foram construídas a partir de referências do Japão e do Brasil.

Essa pesquisa centra-se em mulheres com famílias matriarcais, desafiando a norma patriarcal tanto no Japão, quanto no Brasil. Pretendo mostrar que a dinâmica familiar dentre a qual a minha mãe Tereza está inserida, bem como, as experiências relatadas de Tizuka Yamasaki, em sua biografia, entrevistas e filmes que sustentam essa abordagem.

Importante fonte de informações para o estudo da construção da identidade cultural é a História Oral, a qual constitui uma metodologia para trabalhar essas questões. Nesta perspectiva, diversas abordagens da História Oral, depoimentos, pesquisas biográficas e historiográficas, destacam-se como mecanismo de organização social, mobilização e construção identitária. Inclui uma revisão literária a respeito da História da Imigração Japonesa no Brasil, seguida por uma abordagem exploratória na oralidade envolvendo entrevistas e análises biográficas sobre os caminhos trilhados, por duas mulheres *nikkeis*: Tizuka Yamasaki e Tereza Hayafuji.

Lembrando sempre que nas pesquisas sobre História Oral é importante considerarmos a memória. Examinar a construção das identidades dessas mulheres *nikkeis*, particularmente como líderes familiares, moldando suas realidades com base não só na individualidade, mas também no coletivo.

A obra “*A Memória Coletiva*” (2004) de Maurice Halbwachs, mostra o papel desempenhado pela memória coletiva e a importância de investigar as memórias e espaços, pois, na formação das lembranças, os estudos sobre a memória têm sido relevantes para construção das narrativas históricas. Embora inicialmente a memória coletiva pareça se opor à memória individual, torna-se evidente que essas formas de memória interagem e se complementam ao longo do tempo. Halbwachs enfatiza que a memória não é apenas um fenômeno individual, mas também é moldada socialmente e coletivamente: “nossas recordações persistem como experiências compartilhadas, sendo lembradas por meio dos relatos dos outros, mesmo quando se referem a eventos exclusivamente vivenciados por nós e a objetos que somente nós presenciamos.” (Halbwachs, 2013, p. 30).

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (Halbwachs, 2013, p. 31).

Considerando a multiplicidade de etnias e culturas presentes no Brasil bem como suas interrelações e miscigenação ao longo da história, cada subgrupo étnico-cultural da sociedade brasileira constitui objeto único de pesquisa, sendo a memória coletiva um instrumento fundamental para o entendimento do processo de construção identitária desses subgrupos. Uma população de interesse particular é a de descendentes de japoneses no Brasil, também denominados *nikkei*, cuja identidade é constituída por uma síntese entre os valores e tradições japoneses e brasileiros. Apesar de conter elementos de ambas culturas, a identidade cultural *nikkei* frequentemente é acompanhada por uma percepção de não-pertencimento a nenhuma das duas nacionalidades. É característica comum ao Brasil e ao Japão, entretanto, o fato de ambos possuírem normas sociais patriarcais, submetendo historicamente as mulheres a posições de submissão.

A seguir destaco brevemente a biografia dessas mulheres: Tizuka Yamasaki e Tereza Satsuki Hayafuji.

Tizuka Yamasaki, nascida em 05 de maio de 1949, em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, da segunda geração da imigração japonesa no Brasil, enfrentou desafios importantes e é destaque no cinema brasileiro. Sua história, foi influenciada pelas culturas japonesa e brasileira. Tizuka foi agraciada na Ordem do Mérito Cultural do Governo Brasileiro em 2000, sua contribuição se estende à produção cinematográfica e à direção de novelas e minisséries.

Tereza Hayafuji, minha mãe e de mais 3 filhas, minhas irmãs Kátia Hayafuji, Márcia Hayafuji e Mônica Hayafuji, nasceu em 25/05/1950, no município de Florida Paulista, Estado de São Paulo, da segunda geração da imigração japonesa também, *nissei*. Sua jornada, marcada por desafios e busca por autonomia, reflete a influência do matriarcado após perder os pais aos 14 anos. Apesar do esforço da família, que tentou moldar sua educação com valores japoneses tradicionais, Tereza trabalhou por independência.

Antes das análises propostas, trago minha motivação para este trabalho, minha experiência. De 1994 a 1998 vivi no Japão, onde descobri a brasilidade da minha identidade, embora sempre tenha sido tratada como "japonesa" no Brasil. Lá, fui enfaticamente considerada *gaijin* (termo japonês para estrangeiro), evidenciando a complexidade de identidades reais, imaginárias e simbólicas, que todos nós carregamos. Como enfatiza Sasaki (2009), na sua tese de doutorado “*Ser ou não ser japonês*” o brasileiro migrante buscou no Japão o japonês que imaginava ser, mas encontrou, na verdade, o brasileiro que é.

Inicialmente, percebi tudo como uma ampliação da minha crise de identidade, que me acompanhava desde a infância. Durante minha estadia no Japão como *decasségui* (trabalhador temporário estrangeiro), existi nesse mundo dos 16 aos 20 anos, sendo considerada *gaijin*, no íntimo expressava o sentimento de não pertencer a lugar nenhum.

Confesso que por muito tempo neguei minha ancestralidade, sempre desejando destacar a originalidade brasileira, pois não me identificava com algumas tradições da cultura japonesa. Apesar das características específicas, como os olhos puxados, indicarem o contrário, assumia uma postura ora japonesa, ora brasileira,

dependendo da situação. Esse sentimento ambíguo sempre foi inconsciente, levando-me a buscar referências em mulheres *nikkeis* para melhor compreender meu lugar nesse mundo.

Uma explicação possível para esse sentimento ambíguo é que a cultura que me foi apresentada não condiz com o contexto em que estou inserida, a cultura brasileira. Assim como as histórias das mulheres *nikkeis* abordadas nesta pesquisa, em suas respectivas épocas e contextos.

Elisa Sasaki (2009) argumenta que muitas vezes encontramos "japoneses do Japão" que, ao chegar no Brasil, surpreendem-se com representações e reproduções que os descendentes de japoneses brasileiros chamam de cultura japonesa, expressando a sensação de terem voltado no tempo. Isto é, a ideia e a imagem congelada do Japão que os imigrantes japoneses mantêm e vice-versa.

Os brasileiros que vão para o Japão deparam com uma realidade japonesa muito diferente da imagem idealizada do país passado por seus pais e avós imigrantes no Brasil, como se tivessem congelado a cena do momento da partida, perdendo a noção do tempo durante a viagem, levando consigo as lembranças do que lhe era familiar (Sasaki 2006, p. 9).

Como observa Sasaki, após a experiência no Japão como trabalhador migrante, forasteiro e estrangeiro, os descendentes de japoneses do Brasil perceberam que lá não há nada para 'reconhecer', apenas para 'conhecer' (Sasaki, 2009, p. 379).

Em sua obra *A Invenção das Tradições*, Eric Hobsbawm destaca como as tradições muitas vezes são construções sociais, manipuladas ao longo do tempo para atender a diferentes objetivos políticos e culturais. Ele nos lembra que as tradições não são fixas, mas evoluem, sendo inventadas ou reinventadas para criar uma sensação de continuidade em meio a mudanças significativas.

Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (Hobsbawm 1997, p. 9).

Assim, o presente estudo tem como objetivo explorar a construção da identidade cultural de duas mulheres *nikkeis* brasileiras originárias de família matriarcal com base em suas memórias.

A estrutura do presente trabalho compreende o Capítulo I, que contextualiza o período histórico da imigração japonesa no Brasil, assim como os impactos dessa imigração na formação da comunidade *nikkei* no Brasil. No Capítulo II, as narrativas das histórias das famílias de Tizuka Yamasaki e Tereza Hayafuji. O Capítulo III apresenta um breve resumos dos filmes de Tizuka, explorei os temas, narrativas e simbolismos presentes no filme. No Capítulo IV, trouxe a análise e compreensão das memórias e identidades, junto com o referencial teórico, investigado concomitantemente os filmes, as entrevistas de Tizuka Yamasaki, bem como o depoimento de Tereza Satsuki Hayafuji. E nas considerações finais apresento os principais resultados, objetivos propostos e sugestões para pesquisas futuras, seguidos dos referenciais bibliográficos e glossário.

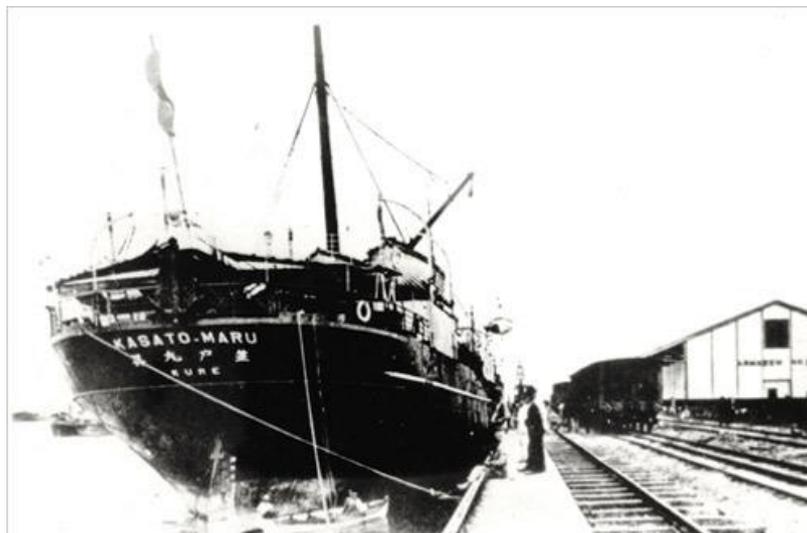
## CAPÍTULO I: IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

### 1.1 - Panorama histórico da imigração japonesa no Brasil.

Este capítulo propõe-se a analisar e compreender os contextos históricos, econômicos e sociais que influenciaram a chegada dos imigrantes japoneses, destacando a contribuição desse grupo para a sociedade brasileira ao longo do tempo. Enquanto o Japão enfrentava problemas econômicos e sociais devido à sua política de abertura de fronteiras e rápida industrialização, o governo brasileiro estava ocupado trazendo imigrantes para trabalhar nas terras do país. Essas mudanças, levaram a necessidade de uma ação importante planejada por parte do governo japonês. Começou a ser negociada a saída desse excedente populacional para outros países, incluindo o Brasil.

A imigração japonesa no Brasil teve início com a vinda do navio Kasato Maru (Figura 1) em 1908. Segundo Sakurai (1998) o navio partiu de Kobe, no Japão, em 28 de abril de 1908, e chegou ao porto de Santos, no Brasil, em 18 de junho do mesmo ano. O Kasato Maru é considerado o primeiro navio a transportar um grande grupo de imigrantes japoneses para o Brasil, marcando o início oficial da imigração japonesa em larga escala para o país.

Figura 01: Foto do navio Kasato Maru 1908, no porto de Santos SP.



Fonte: Bunkyo Museu da Imigração Japonesa.

O navio trouxe cerca de 781 imigrantes, que foram contratados para trabalhar em fazendas de café no estado de São Paulo. A seguir foto (Figura 02) desses primeiros imigrantes japoneses.

Figura 02: Grupo do Kasato Maru (1908).



Fonte: Museu da Imigração/APESP.

A partir de 1868, o Japão experimentou a Restauração *Meiji*, um marco histórico destinado a transformar integralmente sua economia. Conforme Motoyama, em seus escritos “Ciência, Cultura, Tecnologia e a Restauração *Meiji*” - “é um evento histórico notável, onde o Japão passou de um país economicamente atrasado para uma potência em apenas algumas décadas. Essa transformação simboliza a introdução da modernidade no Japão e tornou-se um tema de estudo para historiadores japoneses interessados na identidade de sua nação durante o período moderno e contemporâneo, caracterizado pela predominância do Ocidente.

Essa transformação implicava, no âmbito político, no estabelecimento de um poder absoluto e na implementação de uma constituição; no âmbito econômico, na adoção do capitalismo, na busca por colônias; e no âmbito

cultural, na introdução da ciência e sua aplicação por meio da tecnologia (Motoyama, S. 1994, p. 98).

Motoyama (1994) prossegue, explicando que inicialmente, os agricultores foram os mais impactados pela restauração *Meiji*. Sem uma indústria avançada, a única fonte viável para financiar o desenvolvimento era a produção agrícola. Uma reforma tributária foi realizada para tornar mais eficiente a cobrança do imposto rural, além disso os agricultores ficaram com a responsabilidade de arcar com o custo da própria educação que era obrigatória. Diante dessa pressão, não é surpreendente que as rebeliões camponesas tenham se tornado frequentes.

Com a produtividade agrícola baixa, a população migrou para as cidades. Sem condições de absorver toda a mão de obra, a falta de oportunidades de emprego, os altos tributos e as mudanças impopulares inovadoras pelo governo *Meiji* geraram uma insatisfação generalizada.

Implementou-se um sistema de colonização, utilizando propagandas, como o cartaz do governo japonês de migração para o Brasil (figura 03) na primeira metade do século XX, que incentivou: "Vamos! Montemos uma família e vamos para a América do Sul!" [*Saa, Ikō, ikka wo agete, nanbei he*], oferecendo terras aos imigrantes em troca de trabalho nas plantações (Sasaki, 2009, p. 81)

Figura 03: Pôster de Propaganda Governamental Japonesa de Migração ao Brasil na Primeira Metade do século XX.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Imigração Japonesa no Brasil (MHIJB-SP).

No mapa, destaca-se nominalmente o Brasil, e secundariamente, o Peru. O homem japonês aponta seu dedo indicador direito ao Brasil e com o outro braço, segura uma enxada na mão e no seu antebraço, a sua família. Ela é composta por sua esposa e seus filhos, sendo que o menor está no colo da mãe, segurando a bandeira japonesa para o alto, e o garoto maior com um braço erguido. Despedindo-se e triste por ter partido da sua área de origem ou feliz por estar indo ao Brasil? Sinceramente, não sei. Mesmo olhando a imagem ampliada. Talvez nem ele saiba responder. A face da mulher se oculta no quimono japonês, sem nenhuma expressão, ou então no seu devido lugar: submissa ao homem / marido / chefe-de-família, bem ao estilo confucionista. (Sasaki,2009, p. 82).

De acordo com Hiroshi Saito em sua obra “*A Presença Japonesa no Brasil*” (1980), a ênfase da propaganda oficial sobre um modelo ideal de família japonesa migrante para a América do Sul não é coincidente. Para migrar para o Brasil, era necessário formar uma família para atender à exigência do governo paulista de *três enxadas*, ou seja, uma família imigrante deveria ser composta por três pessoas produtivamente ativas, a partir dos 13 ou 14 anos.

O foco da propaganda oficial sobre um tipo ideal de família japonesa migrante à América do Sul não é por acaso. Para migrar ao Brasil era preciso compor uma família para atender à exigência de “três enxadas” por parte do governo paulista (Saito, 1980, p.82 apud Sasaki 2009, p. 82).

#### Segundo Sakurai:

A outra razão para o incentivo à emigração é de ordem internacional. O processo de inserção do Japão na economia mundial capitalista ocorre em meados do século XIX, mais precisamente em 1868. A entrada tardia é compensada pelo planejamento e pela aceleração do processo. Para isto, o Japão empreende uma política industrial intensiva, recrutando todos os seus recursos humanos, numa jornada que tem como objetivo colocar o país em condições de competição com as grandes potências mundiais. (Sakurai,1998, p.4).

Com a promulgação da Lei Áurea em 1888, o Brasil enfrentou escassez de mão de obra na agricultura, levando a acordos de imigração com diversos países europeus. Visando uma política de “branqueamento” da população, o governo brasileiro, inicialmente buscou atrair imigrantes europeus.

Em seguida, recorreu a imigração japonesa devido à escassez de europeus. Sakurai (1998) enfatiza que, a imigração japonesa para o Brasil começou oficialmente em 1908, influenciada por uma combinação de fatores em ambos os países. Os acordos bilaterais entre os governos japonês e brasileiro foram modificados para

organizar a migração, definir condições de trabalho e garantir a integração dos imigrantes japoneses. Com o objetivo de aumentar a produção agrícola e modernizar o Brasil, os acordos entre o Japão e o Brasil incluíam termos sobre alojamento, trabalho e condições de vida para os imigrantes japoneses. A fuga das dificuldades econômicas e da falta de terras aráveis eram os principais incentivos para muitos japoneses considerarem a emigração. Sakurai destaca:

Houve conflitos culturais e linguísticos com a população local, intensificados durante a Segunda Guerra Mundial, quando os imigrantes japoneses enfrentaram suspeitas de colaboração com o inimigo, resultando em restrições e discriminação, embora tenham enfrentado desafios, os imigrantes japoneses mantiveram um sonho persistente de retornar ao Japão, motivando-os a trabalhar com determinação, apesar dos ganhos modestos (Sakurai, 1998, p. 7).

A imigração japonesa no Brasil é um fenômeno que ultrapassa o aspecto demográfico, sendo um fenômeno histórico-cultural que moldou a identidade nacional brasileira. Ao compreender a história dessa comunidade, é possível visualizar as complexidades e as múltiplas camadas que permeiam a imigração japonesa, consolidando sua importância na história brasileira.

## 1.2 - Impacto da imigração na formação da comunidade *nikkei* no Brasil.

Como diz Sakurai (1998) a comunicação limitada dificultou a interação dos agricultores japoneses com outros membros da comunidade agrícola brasileira. Além disso, as diferenças culturais, tanto no modo de trabalho quanto nas práticas agrícolas, contribuíram para um ambiente desafiador. a ausência de infraestrutura adequada, como estradas e sistemas de irrigação, prejudicou a eficiência na produção agrícola. Os imigrantes japoneses enfrentaram a necessidade de desenvolver, por conta própria, métodos e técnicas adaptadas à realidade brasileira.

As reações dos japoneses perante o Brasil são de total estranhamento a tudo que os rodeia. O clima, a língua, a alimentação e, sobretudo, as condições de trabalho provocam nesses imigrantes, uma grande desilusão. No entanto, o sonho de retornar ao Japão motiva as famílias a trabalharem com afinco, apesar dos ganhos irrisórios. Algumas famílias conseguem fazer pequenas poupanças e se estabelecerem como agricultores independentes. (Sakurai ,1998, p.7).

Ao se estabelecerem como agricultores (figura 04 e 05), esses imigrantes enfrentaram diversos desafios que contribuíram para eventos como as rebeliões camponesas. O desconhecimento sobre as práticas agrícolas locais tornou-se um obstáculo significativo para o sucesso inicial de suas lavouras. A história dessas rebeliões camponesas revela não apenas as adversidades enfrentadas pelos imigrantes japoneses na agricultura brasileira, mas também o papel crucial desempenhado por eles na busca por mais igualdade no cenário agrário brasileiro.

Figura 04/05: Imigrantes Japoneses trabalhando nas fazendas de algodão e café.



Fonte: Bunkyo Museu da Imigração Japonesa.

Em 1914, houve uma interrupção nos subsídios, devido à Primeira Guerra Mundial e à diminuição da mão de obra europeia, os subsídios foram retomados em 1917. A partir de 1923, os subsídios paulistas foram totalmente abolidos. O corte nos subsídios poderia ter marcado o fim da imigração para o Brasil, mas, paradoxalmente, levou a um aumento da entrada e marcou o início efetivo da imigração japonesa para o Brasil (Sakurai, 1998, p.7 e p.8).

Entre 1924 a 1941, período mais significativo da imigração japonesa para o Brasil, comenta Sakurai (1998) – “que os subsídios do governo japonês, a partir de 1924, incrementam não apenas a vinda de novos imigrantes, como também aumentam as redes de parentes e vizinhos que vêm de todas as partes do Japão.”

A imigração japonesa para o Brasil representou enormes desafios, e as condições de trabalho nem sempre permitiram economias substanciais por parte dos imigrantes. Os trabalhadores buscavam ganhar o suficiente para quitar dívidas, ajudar a família e juntar algum dinheiro para um possível retorno ao Japão. No entanto, a realidade nas fazendas de café, com suas condições de trabalho, não favorecia a poupança, e as diferenças culturais agravaram a situação nos primeiros tempos (Sakurai, 1998, p. 11).

O estudo das transformações sociais relacionadas à imigração japonesa e à formação da identidade *nikkei* não apenas enriquece nosso entendimento histórico, destaca também como as pessoas conseguem criar vínculos duradouros mesmo quando enfrentam situações diversas. Ao entender melhor essa história, podemos apreciar de forma mais completa a riqueza cultural que surgiu da interação entre o Japão e o Brasil.

Saito (1961), analisa de forma abrangente como os japoneses se deslocaram e se estabeleceram no país. Ele explora as características da adaptação dos imigrantes no Brasil, incluindo a adaptação física e ao ambiente, que, segundo ele, contribuíram para a mobilidade social, espacial e ocupacional desses indivíduos. Saito argumenta que essa mobilidade é uma prova da assimilação dos imigrantes à sociedade brasileira.

De acordo com Saito (1961, p. 212, apud Cotrim, 2020, p. 36), A transformação em que a comunidade, caracterizada no início pela reconstituição de elementos e padrões japoneses, passa depois a vincular-se intimamente à sociedade dominante, apresentando simultaneamente o caráter de ambas as culturas.

Ao analisarmos os primeiros anos da imigração japonesa, percebemos a dinâmica que impediu a permanência total dos hábitos e da cultura japonesa no Brasil, ancorados em uma estrutura patriarcal antiga e limitada. Por essa diversidade cultural no Brasil, resultante da imigração de pessoas de diferentes partes do mundo, o presente estudo pretende investigar essas construções de identidades, sobretudo dessas mulheres *nikkeis* que são parte da multiculturalidade do país.

Figura 06: Mulheres imigrantes do Japão, vindas com navio Kasato Maru.



Fonte: Museu da Imigração/APESP.

## CAPÍTULO II: HISTÓRIA DAS FAMÍLIAS DE TIZUKA YAMASAKI E TEREZA HAYAFUJI

### 2.1 - Narrativa biográfica da família de Tizuka Yamasaki.

Tizuka Yamasaki nasceu em 1949, em Porto Alegre, seus pais casaram por *miai* (casamento arranjado) apresentados por *nakodo* (pessoa que faz arranjo de casamentos entre *nikkeis*) se conheceram em Atibaia interior de São Paulo, sendo sua mãe Sumiko Yamasaki, filha única, sua *batchan* Tioe via no seu pai Tosio Yamasaki um herdeiro para a fazenda dela. Tizuka relata algumas diferenças que surgiram, conforme entrevista intitulada *Eu vim lá do Sul*, concedida ao projeto Centenário da Imigração Japonesa: 100 anos de histórias, Tizuka nos diz:

Meu pai e a minha avó eram muito parecidos. Impetuosos e orgulhosos, os dois não se entendiam. Então, ele quis se mudar de Atibaia. Foi trabalhar em Belém Velho, perto de Porto Alegre, a convite de um amigo. Minha mãe já estava grávida e foi atrás dele. E foi assim que eu nasci no Hospital Moinho de Ventos, na capital do Rio Grande do Sul. Um ano depois, voltamos para Atibaia numa tentativa de reatar com a família. (Yamasaki.T, 2007).

Figura 07: Família de Tizuka Yamasaki- Tizuka, ao lado da avó Tioe com o seu segundo marido, Shimekiti Nishi. Em pé, os pais, Sumiko Yamasaki e Tosio Yamasaki, em 1951.



Fonte: Yamasaki (2007).

Titoe teve um segundo filho, que faleceu de difteria quando ainda era um bebê. Em um curto período, ela enfrentou a perda do filho e tornou-se viúva enquanto a mãe de Tizuka ainda era criança. Em uma época em que não era aconselhável que as mulheres vivessem sozinhas, seja por viuvez ou abandono do marido, a família rapidamente providenciou outro casamento para ela. No entanto, infelizmente, ela não teve mais filhos. Tizuka relata como foi sua infância em Atibaia:

Em Atibaia, nasceu minha irmã, Yurika, quando eu tinha três anos. Pouco depois, por circunstâncias pessoais, meu pai precisou viajar para o Japão e morreu lá. Enquanto meu pai viveu, só se falava japonês em casa. Mais tarde, me contaram que ele foi uma pessoa muito rígida, determinada, mas também eloquente e um sonhador romântico. Quando eu nasci, ele queria que eu fosse advogada. Depois que ele morreu, eu e a Yurika chegamos na idade de ir pra escola e, assim, aprendemos o português. Minha mãe contratou um professor de japonês na Capital para que nós mantivéssemos o japonês em casa, mas nossa rejeição foi grande - coisa que eu chamo de "bloqueio cultural" - e assim o japonês se perdeu. Uma pena! (Yamasaki.T, 2007).

Figura 08: Avó de Tizuka Yamasaki, Titoe, em Atibaia, 1951.



Fonte: Yamasaki (2007).

Sobre sua *batchan* Titoe, Tizuka relata em entrevista cedida para Renata Campos (2007) que após completar o ensino fundamental, sua *batchan* matriculou sua mãe na Escola de Corte e Costura *Akama*, situada na capital paulista. Essa escola destacava-se como um centro de excelência destinado à preparação de jovens mulheres para o casamento dentro da comunidade japonesa. As alunas frequentavam a escola para adquirir habilidades em costura e bordado, praticar tênis, estudar a

língua japonesa, recitar poemas e desenvolver noções de etiqueta, visando evitar constrangimentos às famílias mais tradicionais da sociedade japonesa, que aos poucos se afastavam das atividades agrícolas. Era uma instituição de elite, exigindo um esforço considerável das famílias para garantir a educação de suas filhas neste ambiente.

No caso específico de minha mãe, que ingressou na *Akama* durante a adolescência, a principal motivação para sua matrícula foi a eclosão da Guerra. Diante da constatação de que jovens de Mairiporã (SP), onde residiam, consideravam-se no direito de invadir e transgredir nas propriedades dos japoneses "inimigos", minha avó, movida pelo medo, tomou a decisão de proteger a filha contra possíveis violações. Nesse período, quando os japoneses enfrentavam a ameaça iminente de perder suas propriedades em decorrência de um decreto promulgado por Getúlio Vargas, minha mãe, notável por ser a única professora nascida no Brasil na equipe, recebeu a responsabilidade da diretora *Akama-san* de assumir a direção da instituição. Se não fosse pelo arranjo matrimonial, ela teria permanecido na capital, alterando assim o curso de nossa narrativa. (Yamasaki.T, 2007).

Sobre sua mãe Sumiko Yamasaki, Tizuka relata que depois que ficou viúva ela organizou no ano de 1950 a abertura de uma escola de costura em Atibaia. Escola de costura era de grande prestígio naquela época, devido à escassez de roupas industrializadas. Todo ano, ela organizava desfiles de moda e oferecia cursos adicionais, como pintura a óleo, dança de salão, bordados, entre outros, além do curso principal de corte e costura. Como resultado, Sumiko era reconhecida como *sensei* (professora) e desfrutava de respeito na sociedade de Atibaia.

Jovens vinham do Paraná e do interior de São Paulo para estudar sob sua orientação. Muitas delas não tinham onde residir, o que motivou Sumiko a expandir a escola, proporcionando uma espécie de internato que evoluiu para um pensionato-escola, como vemos na foto (figura 09) de formatura. Esse período foi marcado por singularidades, com a residência sempre repleta de pessoas, especialmente jovens mulheres.

Naquela época, as famílias japonesas eram reservadas, refletindo uma educação baseada no princípio de "não incomodar os outros" e na restrição da expressão de sentimentos. Nesse ambiente, Sumiko Yamasaki era considerada a grande matriarca da cidade, ouvindo as histórias pessoais das jovens.

Figura 09: Turma de formandas da escola de costura São João da mãe de Tizuka, Sumiko, em Atibaia, no ano de 1967.



Fonte: Yamasaki (2007).

A infância de Tizuka foi toda em Atibaia, a qual descreve cheias de privilégios por ser filha da *sensei* (professora) da cidade:

Nossa infância foi toda em Atibaia. Tínhamos o privilégio de sermos filhas da *sensei*, a mestra da cidade. Nesse período, nos anos 50, a gente fazia escola pública. Estudamos no Grupo Escolar Major Juvenal Alvim, depois no Colégio Estadual Escola Normal Major Juvenal Alvim. Fazíamos balé, estudávamos piano, francês, pintura, tudo que uma garota interiorana tinha direito a fazer. Minha mãe se importava muito com a nossa educação. Ela me mandou fazer *odori* (balé japonês), preocupada com minha falta de postura mais feminina, pois eu costumava pegar umas réguas de 100 centímetros de costura e distribuía entre os meninos pra gente brincar de espada. Mas foi em vão. Pra vencer os caminhos que se abriam naquela época, eu precisava de uma atitude forte para desbravar e vencer um mundo dominado pelos homens. O mundo mudou e eu não consegui conquistar a feminilidade! (Yamasaki, T.2007).

Na sua juventude, no ano de 1970, Tizuka Yamasaki ingressou no curso de Arquitetura na Universidade de Brasília, concluindo seus estudos na Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro, após o fechamento da primeira instituição. Sua transição acadêmica marcou o início de uma trajetória no cinema, onde se destacou ao colaborar com renomados cineastas brasileiros, como Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos.

Prestei o exame na FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP) e tomei bomba. Fiquei furiosa porque fui mal em física e matemática, mas tirei 10 nas provas de criação e desenho. Atraída pelo ICA (Instituto Central de Artes) da UNB, em Brasília, escola moderna implantada por Darcy Ribeiro, embarquei para prestar o vestibular. Eu me lembro que minha mãe, assustada com a minha decisão, perguntou: “Pensou duas vezes?” Confirmei que sim. Na verdade, não pensei: fui no impulso. Talvez, empurrada pela necessidade de me afastar da pressão que eu achava que sofria da comunidade japonesa que frequentava. Então, fui estudar arquitetura em Brasília. No primeiro semestre, fiz uma oficina básica de cinema. Foi aí que eu comecei a me interessar por esse assunto. O rascunho de cinema que eu tive contato na UNB me cativou, apareceu anunciando uma profissão estranha e atraente. Mais uma vez não pensei, e fui fazendo. (Yamasaki, T. 2007)

Tornando-se uma das cineastas nipo-brasileiras mais proeminentes, Yamasaki consolidou sua presença no cenário cinematográfico nacional, notadamente por sua contribuição tanto em filmes comerciais quanto em produções televisivas. Em 1978, fundou a sua própria produtora audiovisual, o Centro de Produção e Comunicação (C.P.C.), em parceria com colegas de profissão. Nesse contexto, a cineasta, juntamente com Jorge Duran, concebeu o roteiro e dirigiu seu primeiro longa-metragem, *Gaijin: Caminhos da Liberdade*, lançado em 1980.

Figura 10: Tizuka Yamasaki folheia um álbum com fotos de sua família, na sua casa em Atibaia, em 2007.



Fonte: Yamasaki (2007).

Em relação ao seu processo criativo, Yamasaki enfatiza a conexão intrínseca entre as temáticas de seus filmes e as questões que a impactam pessoalmente. Nos filmes *Gaijin*, a identidade racial emerge como elemento central, explorando a dicotomia entre a primeira geração japonesa que questiona a brasilidade de seus descendentes e a sociedade que reforça a necessidade de assimilação cultural.

Hall (2006) argumenta que a assimilação cultural muitas vezes implica na perda ou na supressão da identidade cultural das comunidades minoritárias em favor da cultura dominante. Em vez disso, Hall defende uma abordagem mais pluralista e inclusiva para a questão da diversidade cultural. Sugere que as sociedades devem reconhecer e valorizar a diversidade cultural, permitindo que diferentes grupos étnicos, raciais, religiosos e linguísticos coexistam lado a lado, sem pressionar por uma assimilação que negue suas identidades distintas.

Para Yamasaki, essa dualidade serviu como motivação tanto para se distanciar da educação japonesa recebida quanto para se reaproximar dela, refletindo assim o cerne de sua abordagem artística e narrativa.

## 2.2 - Narrativa biográfica da família de Tereza Hayafuji.

Tereza Hayafuji, caçula de 12 irmãos, sendo 3 homens falecidos que desconhece a causa das mortes, restando 3 irmãos e 6 irmãs (figura 11) filha de *isseis* (pioneiros que deixaram o Japão), portanto é a segunda geração denominada *nissei*, nasceu em 25 de maio de 1950.

Figura 11: Família de Tereza Hayafuji Da esquerda para direita: Miyoko Fujita, Paulo Fujita, João Fujita, Sakae Fujita, Horácio Fujita, Mitsue Fujita, Toshiko Fujita , Tereza Hayafuji e Kikue Fujita.



Fonte: arquivo pessoal de Tereza.

Nasceu no município de Florida Paulista , Estado de São Paulo, na área rural Córrego da Onça, lá vivenciou sua primeira infância, sua família mudou para Iepê

interior do mesmo Estado. Sua língua materna foi mantida até os sete anos de sua vida, tendo contato com o português na escola na primeira série. Tendo pouca lembrança de como aprendeu o português. Na escola teve contato com filhos de várias nacionalidades de imigrantes, como alemães, italianos. Tereza lembra de quando era criança e como era a relação com seus pais.

*Praticamente não tive nenhuma relação com o pai e com a mãe, pois eles não conversavam muito com as crianças, apenas davam ordens para serem cumpridas. Não tinha conversa era obedecer e ponto, os dois trabalhavam o dia todo, e quando chegavam em casa a mãe cuidava dos afazeres domésticos e o pai ia beber, vivia triste, desolado por não poder voltar para o Japão. A lembrança do meu pai era essa, bebendo sempre na maior tristeza... Na maior parte da minha infância morei com a minha irmã mais velha para cuidar dos sobrinhos, com 8 anos já cuidava de todos os sobrinhos. Pois os pais iam para roça e minha função era ajudar a minha irmã mais velha com os cuidados dos filhos. (Hayafuji, T. outubro de 2023).*

Figura 12: Os pais de Tereza Hayafuji. Pai Satoshi Fujita e a mãe Yaeko Ouchi



Fonte: Arquivo pessoal de Tereza Hayafuji.

Devido às constantes ausências e à dificuldade com a língua portuguesa, acabou reprovando na segunda série. No ensino fundamental, além de estudar, ajudava a vender as verduras que nossa família produzia, percorrendo cidades vizinhas a 50 km de onde morávamos. A falta de compreensão da professora em lidar com tantas diferenças agravou a situação.

Tereza descreve sua indignação sobre essa época, a regra estabelecida consistia na frequência escolar, independentemente da sua limitação no domínio da língua portuguesa. Tereza diz que ingressou na primeira série sem compreender integralmente as palavras faladas pela professora, e a reciprocidade no entendimento era escassa. A indignação de como foi alfabetizada permanece.

*Até hoje fico me questionando sobre isso, me aprovaram para seguir os estudos, mas na segunda série não consegui passar pois não falava o português ainda e faltava muito para ajudar meu irmão na feira, duas, três vezes por semana faltava para cuidar da cesta de verduras enquanto meu irmão saía para vender. E como que me passaram de ano? Não sabia ler, nem escrever nem falar o português! Só poderia levar bomba na segunda série mesmo. (Hayafuji,T, 2023).*

Aos 11 anos, conclui o ensino fundamental até a quarta série na mesma escola. Nesse período, seu pai, Satoshi Fujita, falece aos 62 anos, vítima de um câncer de intestino. Desde tenra idade, todos na família trabalhavam na roça, seguindo a mãe Yaeko Fujita, que sempre os levava para o campo. Aos 14 anos, enfrentou outra perda significativa, com o falecimento de sua mãe devido a um ataque cardíaco aos 50 anos. Com a ausência dos pais, passei a ficar mais na casa da minha irmã mais velha, ajudando a cuidar dos seis sobrinhos. Essa época deixou lembranças difíceis para ela.

Figura 13: Tereza Hayafuji, Kikue Fujita (irmã gêmea de Tereza) e sua mãe Yaeko Ouchi. Londrina, Paraná 1964.



Fonte: Arquivo pessoal de Tereza Hayafuji.

Tereza lembra que sua mãe sempre foi muito independente, herança que veio de sua *batchan*, natural de Hiroshima, que chegou no Brasil em 15/02/1924 no navio

Manila-Marú juntamente com sua mãe nome Tsuru Shintani e seu pai Shotaro Shintani (figura 14), seus pais como casal há a lembrança de serem companheiros, seus pais tinham uma boa comunicação, o núcleo familiar não foi do patriarcado. Mudou quando a responsabilidade familiar passou para o irmão mais velho. Com a morte do pai, de postura machista e misógino tentou levar a família com mãos de ferro e como as 6 mulheres irmãs foram criadas de outra forma não demorou muito para que todas tomassem as rédeas da própria vida.

Figura 14: Avó Tsuru Shintani e avô Shotaro Shintani de Tereza Hayafuji.



Fonte: Arquivo pessoal de Tereza Hayafuji.

Segundo Tereza, nas lembranças de sua mãe, sua *batchan* veio para o Brasil e enfrentou muitos desafios ao deixar o Japão e vir para um país distante e culturalmente diferente, se deparou com uma situação onde o matriarcado se tornou uma estrutura essencial para a sobrevivência e adaptação.

Ela e suas irmãs assumiram papéis ativos na administração dos lares, no trabalho nas plantações de café e na educação dos filhos. Esse processo de empoderamento feminino dentro de sua família contribuiu para a formação de uma estrutura matriarcal. Na qual sua mãe manteve essa dinâmica e influenciou suas filhas na segunda geração. As filhas cresceram em um ambiente onde o matriarcado era predominante, o que teve um impacto significativo na forma como elas percebiam os papéis de gênero e as relações familiares.

Transmitiram às suas filhas não apenas as tradições japonesas, mas também uma mentalidade de independência e resiliência que elas mesmas haviam cultivado

ao migrar para o Brasil. Assim, as filhas da segunda geração foram influenciadas a construir suas identidades fora das normas patriarcais tradicionais, valorizando a igualdade de gênero e buscando oportunidades educacionais e profissionais que antes poderiam ter sido limitadas para as mulheres.

No próximo capítulo vou explorar os filmes de Tizuka Yamasaki, "Gaijin: Caminhos da Liberdade" e "Gaijin II: Ama-me Como Sou", nas em narrativas que não apenas retratam as experiências históricas dos imigrantes japoneses no Brasil, mas também fala sobre as complexidades da construção identitária das mulheres nikkeis. Esses filmes proporcionam uma perspectiva sobre as lutas que foram enfrentadas por essas mulheres ao transitarem entre duas culturas e identidades distintas. Enquanto acompanhamos as jornadas das personagens principais, vamos refletir sobre como questões de raça, gênero e pertencimento se entrelaçam em suas vidas, moldando suas visões de si mesmas e de seu lugar no mundo.

## CAPÍTULO III: OS FILMES DE TIZUKA YAMASAKI

### 3.1 – Os filmes de Tizuka Yamasaki

No longa-metragem *Gaijin - Os Caminhos da Liberdade* (1980), a cineasta Tizuka Yamasaki narra a epopeia da imigração japonesa no Brasil, proporcionou uma narrativa rica que se entrelaça com as experiências de sua própria família, expressa claramente seu interesse, dedicando seus filmes aos imigrantes com as palavras:

Este filme é uma homenagem a todos que um dia precisaram deixar sua terra". O filme destaca a experiência única de ser parte dessa história, trazendo visibilidade aos descendentes de japoneses, muitas vezes pouco representados no cinema e na cultura comercial (Yamasaki, Tizuka, 2004).

Figura 15: Titeo (Kyoko Tsukamoto) e Tonho (Antônio Fagundes) personagens no filme *Gaijin - Caminhos da liberdade*, 1980 e o folder de divulgação do filme.



Fonte: compilação do autor<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Montagem a partir de fotos dos sites: uol 2023 e Adoro cinema 2012.

A passagem crucial na vida dela foi a morte prematura do pai Tosio Yamasaki. Em depoimento para o programa “Memória do Cinema”, 2020 do Acervo MIS). Tizuka afirma:

A história da minha família é meio parecida com *Gaijin*. Meus avós vieram do Japão, se casaram aqui, tiveram minha mãe, que é filha única. Nasceu no Brasil, mas teve uma formação extremamente japonesa, e que acabou casando por arranjo com um japonês, louco, aventureiro. O meu pai e minha mãe tiveram duas filhas, ele acabou morrendo muito cedo e, com isso, eu acho que esse foi o grande acontecimento da minha vida: a morte do meu

pai. Porque se meu pai fosse vivo, eu com certeza não seria cineasta hoje. Então o fato do meu pai ter morrido e minha mãe viver uma frustração muito grande de não ter podido estudar, acho que foram duas molas extremamente importantes para que eu saísse de uma cidadezinha do interior para ganhar a vida. E o fato de ser neta de imigrantes, no começo do século, quando não se sabia o que existia do outro lado do mundo, de repente uma mulher, minha avó, de 14 anos, meu avô com 17 saem do Japão para vir para o Brasil, entendeu? Eu acho que foi um ato corajoso tão grande que funciona como um exemplo de que tudo é possível... tudo é muito pouco em relação a essa grande viagem que eles fizeram. (Museu da Imagem e do Som de São Paulo – MIS, 2020).

O enredo se desenrola pelos olhos da protagonista imigrante, Tioe (interpretado por Kyoko Tsukamoto), proporcionando uma perspectiva sobre a vida dos imigrantes que se estabelecem no Brasil. (Yamasaki, filme *Gaijin*, 1980). O filme começa com a protagonista narrando suas lembranças ainda criança no Japão:

Era o ano 41 da Era *Meiji*, havia muita miséria no Japão, e poucas perspectivas de trabalho. E assim, muitos emigravam em busca de oportunidades. E como a companhia de imigração só aceitava grupos familiares, meu irmão decidiu que eu deveria me casar. E, assim, formamos uma família, composta pelo meu irmão, Jiro Kobayashi, pelo meu primo Mitsuo Ueno e por Minoru Yamada, o homem escolhido para ser meu marido que eu acabara de conhecer. Comigo éramos quatro. Partir para o Brasil, um país totalmente desconhecido, me assustava. Lembro que chorei quando deixamos a nossa vila. Quantos anos se passaram desde então (Yamasaki, T. 2005).

Sob a perspectiva de Tizuka, a história da imigração japonesa no Brasil é contada através da vivência da família Tanaka. O filme revela os desafios desde a adaptação à cultura local até a exploração da mão de obra nas fazendas de café. Contudo, ele não se limita a mostrar as dificuldades, mas também oferece uma oportunidade de reflexão sobre diversas questões identitárias, como imigração, cultura, xenofobia e a busca pela liberdade.

Tioe desempenha um papel crucial como heroína da história, enfrentando não apenas desafios de adaptação, mas também as adversidades de um ambiente machista. O filme ilustra a violência sofrida por Tioe, tanto por brasileiros quanto por seu próprio marido, Yamada (Jiro Kowarazaki), revelando as situações desfavoráveis que levaram a um casamento arranjado para poder viajar ao Brasil.

A narrativa ressalta o sistema patriarcal de forma irônica, especialmente quando nasce a primogênita Shinobu, e seu marido reage desmerecendo o papel da mulher, dizendo “mulher não serve para nada”. A ironia atinge seu ápice quando Tioe,

após a morte de seu marido lidera a fuga dos japoneses da fazenda Santa Rosa assumindo a responsabilidade solo pela sua filha Shinobu evidenciando a força feminina em um contexto de exploração no trabalho.

Figura 16: Shinobu filha de Titoe em cena em *Gaijin I*.



Fonte: *Gaijin - Caminhos para liberdade*. (1980).

Além disso, o filme aborda temas sensíveis como xenofobia e racismo, destacando as hostilidades enfrentadas pelos imigrantes japoneses na sociedade brasileira. Essa abordagem crítica permite uma reflexão sobre como atitudes discriminatórias podem moldar a vida dos imigrantes, influenciando suas oportunidades e experiências.

A importância de *Gaijin – Os Caminhos da Liberdade* para a cinematografia brasileira é imensa, pois não apenas representa e dá voz aos descendentes de japoneses no Brasil, mas também destaca a força das mulheres que conseguem superar as barreiras do patriarcado. No qual pude analisar semelhanças com a minha história familiar representada por Tereza.

Como desdobramento do filme *Gaijin*, Tizuka lança um novo filme, *Gaijin 2: Ama-me como sou*, explorando de maneira profunda e sensível a construção identitária dos descendentes de japoneses, focando especialmente na segunda geração de imigrantes no Brasil. A história inicia-se com os questionamentos de identidade do neto Kazume de Titeo, sobre o qual a cineasta descreve:

Meu nome é Kazumi Yamashita, e todos dizem que sou a cara do meu pai. Um dia, sem pedir, ganhei uma máquina de escrever – uma Remington. Foi a única resposta compreensível que consegui nesta casa. Nasci aqui nesta região, onde há gente vinda do mundo inteiro. Os nativos são os índios, que foram expulsos pela colonização desenfreada. A Remington foi o caminho para buscar as respostas. Não gostou da realidade? Invente outra. Quem sou eu? Que país é este? De onde vem a minha *batchan*? (Yamasaki, T. 2005).

Figura 17: Atrizes do filme *Gaijin II*. Tamlyn Tomita (na frente, a esquerda, ao lado de Kyoko Tsukamoto, que está em primeiro plano). A direita, Kassia Lumi Abe, atrás dela a premiada Aya Ono e Eda Nagayama. Mais atrás, de boné e camiseta pretos, do lado esquerdo, Lissa Diniz, sobrinha de Tizuka que está atrás. A menina do centro é Naina Tie Yamasaki, filha de Tizuka (2005).



Fonte: Yamasaki (2007).

A narrativa exhibe a vida de Tioe após a fuga da Fazenda Santa Rosa em 1930, quando ela se mudou para Londrina, Paraná, um local que atraiu imigrantes de diversas etnias em busca de oportunidades. O filme aborda os desafios enfrentados por esses imigrantes na tentativa de conciliar suas raízes culturais com a realidade brasileira contemporânea. Apesar da realidade desafiadora, Tioe (figura 18), com seu espírito *gambare* (perseverança em japonês), adapta-se, constrói sua casa e um *gakkô* (escola), e busca manter viva a língua japonesa entre as crianças.

Figura 18: Tioe (Aya Ono).



Fonte: Cena do filme *Gaijin II- Ama-me como sou* (2005).

A trama avança para o período da Segunda Guerra Mundial, onde os imigrantes japoneses no Brasil sofrem discriminação e violência, havendo casos de brigas de rua, prisões e batidas policiais em residências pelo fato da sua “nação adotiva” estar lutando contra a sua “nação de origem”, inclusive de outros japoneses que não aceitaram a derrota do Japão, tornou a vida no Brasil desconfortável para a maioria dos japoneses. Saito destaca que:

A guerra é um momento de ruptura para a comunidade japonesa no país, pois, de um lado, parte dos imigrantes não acreditava nas notícias da derrota do Japão e condenava quem afirmasse o contrário. De outro, outra parte aceitava a derrota e não avistava mais o retorno ao país natal, devastado pela guerra, levando-os a planejar a permanência a longo prazo no Brasil. (Saito, 1961, apud Cotrim, 2020, p. 37).

A primogênita Shinobu, diferente da mãe Títoe, permanece agarrada aos trajes japoneses e se opõe ao casamento da filha, Maria, com Gabriel, um brasileiro descendente de espanhóis, na visão dela um *gaijin*. Muitos problemas familiares e emocionais surgem de desentendimentos entre pais e filhos sobre a escolha do parceiro. Por exemplo, se um filho se apaixona por uma *gaijin*, isso pode ser problemático em uma comunidade que desaprova relacionamentos entre descendentes de japoneses e brasileiros.

Figura 19: Gabriel (Jorge Perugorría Rodríguez) e Maria (Tamlyn Naomi Tomita), neta de Títoe, em cena de *Gaijin II*.



Fonte: *Gaijin II – Ama-me como sou* (2005).

O enredo continua explorando as vidas dos personagens da segunda geração, cada um lidando de maneira única com questões de identidade. Confrontados com conflitos internos e externos, eles moldam sua percepção de si mesmos e sua relação com as culturas japonesa e brasileira. Em entrevista concedida a jornalista Renata Costa, para o projeto *Centenário da Imigração Japonesa: 100 anos de histórias*, sobre cinema e identidade cultural, Tizuka afirma:

Quando preparava a pesquisa de *Gaijin – Ama-me como sou*, no Paraná, voltei a frequentar festas japonesas. Só então me dei conta de que meus filhos (e os de Yurika) não tiveram esse privilégio de conhecer a cultura japonesa através das festividades, porque cresceram no Rio de Janeiro e lá a comunidade ficava mais distante de nós. É verdade que eu levo parte da culpa por não facilitar esse encontro. Meu filho Fábio foi o único que se manifestou em querer aprender japonês. Mas, na época, a gente morava em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, e as escolas eram todas distantes, no centro, então ele não aprendeu. Eu não me esforcei como deveria para ensinar a cultura japonesa para meus filhos. Hoje eu me arrependo. (Yamasaki, T. 2007).

A busca por pertencimento é central, com alguns personagens com discriminação e preconceito, levando-os a questionar onde realmente se encaixavam. O dilema entre abraçar as tradições familiares ou adotar uma identidade mais integrada na sociedade brasileira é recorrente.

De acordo com o conceito de comunidade imaginada de Stuart Hall, uma cultura nacional se fundamenta em um discurso que constrói identidades a partir da produção de significados sobre uma nação, com os quais podemos nos identificar (Hall, 2006).

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (Hall, 2006, p. 50).

Ou seja, na construção de seus personagens, Tizuka reconfigura estereótipos sobre os descendentes de japoneses, enfatizando sua força de vontade para escapar da exploração. Tradicionalmente retratado de maneira estereotipada, o filme desafia preconceitos ao apresentar uma visão mais genuína e identificável da cultura desses imigrantes japoneses. O foco principal é a exploração da construção da identidade

cultural, mostrando como os personagens negociam sua identidade em uma encruzilhada entre duas culturas, a japonesa e a brasileira.

Aquelas pessoas que sustentam que as identidades modernas estão sendo fragmentadas argumentam que o que aconteceu à concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi simplesmente sua desagregação, mas seu deslocamento. Elas descrevem esse deslocamento através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno. (Hall, 2020, p.34).

As trajetórias dos personagens são marcadas por transformações ao longo do tempo, enfrentando desafios, questionando suas visões e fazendo descobertas pessoais. Essas mudanças revelam uma identidade fluida e em constante evolução, destacando o papel central das mulheres, como sugerem os autores pesquisados, na estruturação dessas famílias matriarcais ao longo de duas gerações.

As influências culturais dos pais e avós estão presentes, mas os personagens também são imersos na cultura brasileira em constante mudança. A escolha entre identidades japonesas e brasileiras é um desafio constante, muitas vezes fazendo com que se sintam estrangeiras em ambas as culturas.

Figura 20: Folder de divulgação do filme *Gaijin 2- Ama-me como sou* de Tizuka Yamasaki. 2005.



Fonte: do site Alternativa.co.jp

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.alternativa.co.jp/Noticia/View/84972/Cineasta-Tizuka-Yamasaki-fala-do-orgulho-de-suas-origens>. Acesso em 09 fev. 2024.

Os filmes "*Gaijin I*" e "*Gaijin II*" tem elementos fundamentais para melhor entendimento nas construções das identidades dessas mulheres *nikkeis*. Oferece uma forma para expressar e explorar as experiências. Este estudo investigou a relevância dessas produções cinematográficas no contexto da comunidade *nikkei*, revelando como elas abordam temas ligados à identidade cultural e pertencimento. A análise revelou que os filmes oferecem uma representação visual e narrativa com as vivências dessas mulheres, como um espelho para suas próprias jornadas pessoais. Ao retratar personagens femininas *nikkeis* essas produções oferecem modelos e referências que não apenas validam, mas também fortalecem a construção de uma identidade coletiva dentro da comunidade.

Além disso, os filmes exploram questões específicas que são particularmente relevantes para nós mulheres *nikkeis*, como as tensões entre diferentes culturas, as expectativas familiares e sociais, e as lutas para reconciliar múltiplas identidades.

## CAPÍTULO IV: AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DAS MULHERES NIKKEIS

### 4.1 – As narrativas biográficas das mulheres *nikkeis*

Na teoria social, Hall (2006) diz que muita atenção tem sido dada à discussão sobre identidade. Basicamente, a ideia é que as antigas formas de identidade, que costumavam manter a estabilidade na sociedade, estão diminuindo. Isso resulta no surgimento de novas identidades e na fragmentação do indivíduo moderno, antes considerado como um sujeito unificado. A chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está alterando as estruturas e processos centrais nas sociedades modernas, causando perturbações nos referenciais que costumavam fornecer uma base estável para os indivíduos no mundo social.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (Hall, S, 2006, p.9).

Esse processo cria o sujeito pós-moderno, que é pensado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade se torna uma "celebração móvel": sendo formada e transformada continuamente em relação às maneiras como somos representados ou chamados nos sistemas culturais ao nosso redor (Hall, 1987 apud Hall 2006). Ela é definida pela história, não pela biologia. O sujeito adota identidades diferentes em momentos diferentes, que não se unem em torno de um "eu" coerente. Dentro de nós, há identidades que entram em conflito, puxando em direções opostas, o que faz com que nossas identificações estejam sempre mudando. Se parecer que temos uma identidade unificada do nascimento até a morte, é porque criamos uma história confortável sobre nós mesmos ou uma "narrativa do eu" reconfortante (veja Hall, 1990 apud Hall 2006). Uma identidade totalmente unificada, completa, segura e coerente é uma ilusão. Em vez disso, à medida que os sistemas

culturais de significado e representação se multiplicam, nos deparamos com uma multiplicidade desconcertante e em constante mudança de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar - pelo menos temporariamente. (Hall, 2006, p 12-13).

No que confere as experiências das famílias que vieram para o Brasil até chegar a segunda geração, como lembra Tizuka Yamasaki, quando criança frequentava as missas, até que por influência de ver seus amigos fazendo catequese, quis também fazer a primeira comunhão, que mais tarde fez com que sua mãe participasse da igreja católica.

Ela ficou bastante dedicada à igreja enquanto eu a abandonava nos anos 60, atraída pelas ideias comunistas/materialistas da época. Hoje, mais amadurecida e espiritualizada, para mim, todos os deuses são válidos. Meu projeto cinematográfico atual é sobre uma personagem, a Pajé Zeneida Lima, detentora dos conhecimentos do mundo místico dos Caruanas do Marajó. (Yamasaki, T. 2007).

Figura 21: Primeira comunhão de Tizuka, em Atibaia.



Fonte: Yamasaki. (2007).

Durante a adolescência na década de 1960, Tizuka integrou a comunidade *nikkei* de Atibaia, a qual se caracterizava por uma organização estruturada. Nesse contexto, delineavam-se o Clube dos Homens, o Clube das Senhoras e o Clube dos

Jovens, cada qual incumbido de responsabilidades específicas alinhadas com os eventos apropriados para distintas faixas etárias e gêneros.

Na sociedade dos *gaijins*, em dia de baile, as meninas passavam a semana toda se preparando, experimentando roupa na costureira, comprando sapato novo, sacrificando-se no salão de beleza. Imagina que horror usar sapato novo de salto no baile. Mas a vaidade era maior que a dor. E ficávamos nos exibindo para os meninos, indo ao banheiro com a desculpa de retocar a maquiagem só pra chamar a atenção e sermos convidadas para dançar. Quando aqueles em que estávamos interessadas não vinham, desprezávamos os que atravessavam o salão cheios de coragem para nos tirar para dançar. Era uma época que o encabulamento nos fazia sentir abandonados, as meninas e os meninos. Ainda bem que os tempos mudaram com a conquista da liberdade feminina e, hoje, funciona para todos os sexos a prerrogativa da iniciativa. (Yamasaki, T. 2007).

Sobre essa sociedade mais tradicional Hall descreve que:

Nas sociedades tradicionais, há uma reverência pelo passado e uma valorização dos símbolos, visto que estes incorporam e perpetuam as experiências de gerações passadas. A tradição é utilizada como um meio de dar sentido ao tempo e ao espaço, integrando cada atividade ou experiência específica na continuidade do passado, presente e futuro. Esses elementos, por sua vez, são moldados por práticas sociais recorrentes (Giddens, 1990, p. 37-8 apud Hall, 2006, p. 15).

Nesse sentido, Bauman (2005) destaca que procurar identidade significa liberar-se de tradições, autoridades fixas, rotinas definidas e verdades indiscutíveis. Ele questiona a validade da identidade nacional, argumentando que não é algo natural, mas sim construído com coerção e persuasão. Atualmente, a sociedade está em transição, abandonando uma fase sólida com caminhos claros para o progresso individual, baseados no nascimento, em direção a uma abordagem mais fluida, onde as estruturas são instáveis e não há uma ordem rigorosa sobre como viver.

O pertencimento e a identidade não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastantes negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e a determinação de se manter firme a tudo isso, são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade. Em outras palavras a ideia de ter uma identidade não vai ocorrer às pessoas enquanto o pertencimento continuar a ser seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (Bauman, Z, 2005, p.17).

Destacando também que ter uma identidade muito rígida, firme e bem estabelecida poderia ser como carregar um peso, limitar a liberdade de escolha. Isso poderia indicar dificuldade em aproveitar novas oportunidades que surgem. Essa

mudança reflete a transição de uma identidade determinada pelo nascimento e experiências limitadas para uma identidade mais fluida e em constante evolução, destacada pela pergunta "Quem sou eu?"

Sob essa ótica Tizuka conseguiu superar as tradições, com autonomia para construir sua própria identidade, sem perder seu senso de humor sobre episódios de sua juventude:

Os mais velhos da comunidade se sentiam responsáveis por mim, por eu ser órfã de pai e meu avô ter morrido quando eu era muito nova. Diziam assim: "Tizuka, não estude muito. Se você estudar muito, não vai conseguir marido." Se eu tivesse seguido esse conselho e ficado em Atibaia, provavelmente teria me casado com um rico fazendeiro plantador de morango e, de repente, poderia estar até melhor do que estou como cineasta. (Yamasaki, T. 2007).

No que diz Hall (2006) é importante lembrar de três ideias que fazem parte de uma cultura nacional, considerando-a como uma comunidade imaginada: as recordações do passado, o desejo de viver juntos e a preservação da herança. No que se fez presente na infância de Tizuka.

Frequentávamos os casamentos e o *matsuri*, festa de agradecimento aos deuses pela colheita. No Japão, ela é comemorada no verão, entre julho e agosto, e aqui mantiveram a data. Tem ainda o *undokai*, que as crianças adoram, uma espécie de gincana, em que os prêmios sempre eram objetos úteis: cadernos, estojos e lápis para os derrotados. Tem o *nodojiman*, uma espécie de concurso para calouros, em que as pessoas cantam e ganham prêmios. (Yamasaki, T. 2007).

Figura 22: Tizuka e a irmã Yurika na fazenda da avó em Atibaia, na década de 50.



Fonte: Yamasaki. (2007).

De acordo com as declarações de Tizuka (2007) sua mãe desempenhou um papel crucial ao nos incentivar a buscar educação em ambientes além da nossa cidade natal. Ela expressava o desejo de que não nos limitássemos a uma existência simplificada em uma cidade do interior. Ao contrário, ela almejava que prosseguíssemos com os estudos, realizássemos a universidade que sempre desejou, mas que, por razões circunstanciais, não pôde concretizar em sua própria vida.

Talvez estivesse dando razão ao meu pai sonhador – criticado na época - que queria conquistar o mundo. Aos 15 anos, fui estudar o científico no colégio Roosevelt, na capital paulista. A Yurika foi depois. Na mesma época, eu estudei no IAD, o Instituto de Arte e Decoração, uma escola muito moderna, referência para quem queria se dedicar à programação visual e desenho industrial. Ali conheci e trabalhei com grandes nomes da arquitetura e das artes plásticas. Comecei a trabalhar como desenhista e o desejo de fazer arquitetura se fortalecia. Nessa época, em São Paulo, fiz parte de uma turma de estudantes *nikkeis* (alguns são meus amigos até hoje) e juro que me esforcei para me comportar como uma tradicional descendente, tentando ser aplicada nos estudos, ser mais discreta, mais feminina – enfim, ter o formato que qualquer mãe *nikkei* se orgulharia. (Yamasaki, T, 2007).

Figura 23: A avó Titoe, a mãe Sumiko e Tizuka na casa em Atibaia, em 2007.



Fonte: Yamasaki. (2007) foto: Everton Ballardin.

Nesse contexto, emergiu uma concepção mais social do sujeito, do mesmo modo que exposto por Hall em sua obra, ou seja, “no qual o indivíduo passou a ser percebido como mais inserido e definido dentro das grandes estruturas e formações que sustentam a sociedade moderna” (Hall, 2006, p. 30)

Essa “internalização” do exterior no sujeito, e essa “externalização” do interior, através da ação no mundo social, constitui a descrição sociológica primária do sujeito moderno e estão compreendidas na teoria da socialização. (Hall 2006, p. 31).

Vinda de uma família matriarcal, não por escolha, mas por condições da vida, Tizuka traz uma perspectiva que permeia seus filmes. Sua habilidade em explorar o encontro de culturas e identidades é alimentada pela diversidade cultural que moldou sua sensibilidade artística, destacando-se no cenário cinematográfico brasileiro. O contexto político de repressão militar no Brasil durante sua juventude impactou profundamente Tizuka, refletindo-se nas temáticas sociais e políticas de seus filmes. Ela abordou a identidade japonesa no Brasil e as dinâmicas culturais diversas, conectando sua história pessoal a questões mais amplas.

Enfrentando as barreiras da predominância masculina na indústria cinematográfica brasileira, Tizuka emergiu como uma das poucas mulheres cineastas. Sua trajetória, desde os primeiros passos com o diretor e professor na UNB, Nelson Pereira dos Santos até consolidar-se como uma voz importante, demonstrar perseverança e criatividade. Essa conquista não apenas a distingue, mas também abre caminho para outras mulheres no cinema, mostrando como a expressão artística pode transcender barreiras culturais e sociais. (Revista Persona,2022)

O que Hall (2006) chama de descentramentos do sujeito moderno o feminismo tem impacto tanto como uma ideia crítica quanto como um movimento social. Ele faz parte de um conjunto de "novos movimentos sociais" que surgiram nos anos sessenta, durante o período da modernidade tardia. Esses movimentos incluíam revoltas estudantis, movimentos juvenis contraculturas, protestos antibelicistas, lutas pelos direitos civis, revoluções no "Terceiro Mundo", movimentos pela paz e tudo o que está relacionado com o ano de 1968. (Hall 2006, p.44).

O feminismo teve também uma relação mais direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico: Ele abriu, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, o cuidado com as crianças, etc. Ele também enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas). (Hall 2006, p.45)

A presença de Tizuka Yamasaki na cinematografia brasileira não só contribuiu para o aumento da presença feminina, mas também trouxe à tona questões contemporâneas sobre o papel e a força das mulheres na sociedade. Seus filmes representam a experiência real de ser mulher e descendente de imigrantes japoneses, tocando em temas atuais sobre a força feminina na sociedade.

Como diz Tizuka (2007) - o cinema tornou-se uma forma certa de aprender e viver para mim. Percebi que, quando enfrento algo que me angustia pessoalmente, escrever sobre isso me ajuda a compreender e lidar com a vida. Em certa época difícil da minha vida, me aprofundei no personagem de Tio de *Gaijin*. Estava enfrentando um choque cultural, tentando entender como ser uma japonesa-brasileira em meio a expectativas conflitantes sobre como me comportar. O filme foi uma jornada profunda e pessoal, quase como um diploma para mim.

Dizem muito de *Gaijin*: ah, o *Gaijin* tem influência do cinema japonês, mas eu tenho certeza que não é influência do cinema japonês, é influência evidentemente da cultura japonesa que carrego. Mas para mim é muito mais fácil produzir alguma coisa brasileira, assim, ocidental, do que alguma coisa japonesa, ou de influência japonesa, porque o meu processo de rejeição à cultura japonesa também foi muito grande. Eu brinco que a única coisa que eu conservo, na verdade, é minha cara. Porque o processo de rejeição foi grande e a vontade de assimilar a cultura brasileira era tão grande, que na hora que eu saí de casa foi tipo assim: a cultura japonesa ficou lá em Atibaia. Agora quero ver o que tem no país. Acho que isso explica uma certa ansiedade que eu tenho, assim, de buscar temáticas brasileiras, de ficar martelando nessa tecla, de cultura brasileira, porque parece que fica uma coisa meio angustiante de eu querer provar que eu sou brasileira. Eu acho que cinema, novela, seja o que for, a minha profissão é muito um meio de entender o que se passa em minha volta. Então eu acho que, de repente, esse personagem da Tio, que eu mergulhei fundo, é que eu estava vivendo um momento muito complicado de vida que era esse choque cultural. De ter a cara japonesa, mas é brasileira, mas tem que se comportar desse jeito, daquele outro jeito. A mulher japonesa é muito oprimida, a mulher brasileira também, mas qual é mais, e eu sou o que no meio de tudo isso? Eu acho que fui fundo, o *Gaijin* eu fui fundo mesmo, porque eu precisava descobrir se eu morria ou então eu enlouquecia, era uma coisa muito pessoal. (Museu da Imagem e do Som de São Paulo – MIS, 2020).

A cineasta compartilhou que, quando era criança, foi obrigada a aprender japonês. No entanto, ela não impôs o mesmo aos seus filhos, deixando que eles decidissem aprender por vontade própria, muitas vezes por curiosidade.

Na prática, isso me obrigava a romper com os valores dos mais fundamentais da cultura da minha família: não incomode os outros, não invada o espaço alheio. Isto me deixava em desvantagem no mercado de trabalho que se abria. Hoje, penso que nem tão lá, nem tão cá. Sempre é melhor o meio termo. Gostaria que meus filhos prestassem atenção nisso. Não perder o

espaço sendo tímido demais, mas também não invadir demais o espaço alheio, porque é constrangedor para os outros. (Yamasaki, T, 2007).

E sobre sua inspiração cinematográfica Tizuka Yamasaki discorre um pouco mais sobre o tema da questão de identidade cultural:

Agora, estou dedicada à produção de outro filme, o *Amazônia Caruana*, que também trata da questão da identidade cultural. Eu vivi isso, me acho no direito de querer entender a dificuldade que um negro, um indígena ou um imigrante tem em viver aqui no Brasil, onde a cultura dominante é tremendamente influenciada pela cultura branca, que chegou com o colonizador e, mais tarde, foi alimentada pela dominadora cultura norte-americana. Por outro lado, acho que nosso País tem o privilégio de ser o melhor exemplo de nação que tem a convivência pacífica entre povos de diferentes religiões, pele, fisionomias, comportamento... Questionar o tema sobre identidade cultural me atrai. Assim, fiz o filme *Parahyba Mulher Macho*, história de uma poetisa libertária que não era aceita pela sociedade paraibana dos anos 30. Fiz o *Pátriama* para discutir qual era o nosso papel como produtores culturais naquele momento de passagem para um governo civil, depois de tantos anos de governo militar. E, entre outros, o *Fica Comigo*, que foi o resultado da minha enriquecedora experiência de vida com meu filho adotivo – para contar como é uma pessoa sem lastro histórico de sua existência, que tem de se adaptar a uma nova e desconhecida família. O choque cultural é muito grande. (Yamasaki, T. 2007).

Como descrito por Hall (2006) a nossa identidade não vem tanto de sermos completos por dentro, mas sim de nos sentirmos incompletos e procurarmos nos encaixar através da maneira como pensamos que os outros nos veem. Psicanaliticamente, continuamos buscando quem somos e contamos histórias sobre nós mesmos para tentar unir as partes diferentes de quem somos, na esperança de encontrar essa sensação de plenitude que imaginamos. (Hall 2006, p. 41).

Figura 24: Tizuka Yamasaki em ação, em set de filmagem



Fonte: Site uol<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/dia-da-imigracao-japonesa-conheca-a-historia-do-filme-nipo-brasileiro-gaijin/> Acesso em: 9 fev. 2024.

Para Tereza perda dos pais na adolescência foi um momento difícil que realmente impactou quem é hoje. Lidar com o abandono, a angústia e a solidão nessa fase moldaram sua visão sobre identidade e seu lugar no mundo.

*Na adolescência desandou tudo, meu pai faleceu em abril de 62, em menos de 2 anos minha mãe faleceu, eu tinha 12 anos quando meu pai morreu em abril de 62, minha mãe morreu em janeiro de 64, a família, os irmãos se separaram, foram morar em vários Estados diferentes, eu fui morar com os tios, o irmão da minha mãe, dos 14 até os 17 em Londrina, a tia casada com meu tio era brasileira e foi um transtorno para família que não aceitava a gaijin, minha avó, minha mãe quando eles casaram, tratavam ela como empregada, como uma qualquer e quando fui morar com ela, ela fez o mesmo comigo, era fanática por limpeza, foi lá que aprendi a limpar uma casa, ficava trancada em casa pois não podia sair sozinha de jeito nenhum, uma época que não vivi de jeito nenhum, não tinha colegas, não saía, ficava a disposição deles. (Hayafuji, T, 2023.).*

Nesse período, além de ficar reclusa em casa, a convivência com a tia *gaijin* fez com que ela quebrasse mais um vínculo com sua cultura, a proibição da sua língua materna por sua tia, enfrentou vários desafios e ainda enfrenta para reconciliar a sua cultura materna com a cultura dominante no Brasil, Tereza fala sobre esses desafios:

*Na verdade nesse meio tempo que vivi eu não tive condições de conhecer nem a cultura japonesa e nem a cultura brasileira, me sentia uma perdida, sem-terra, a dinâmica da família do tio, que era que eu estava de favor lá, trabalhava e pronto, lá a tia que mandava, o tio viajava muito e quando voltava nós conversávamos só em nihongo, mas aí a tia proibiu de falar o japonês entre nós, pois achava que eu estava falando mal dela para ele, aí fui perdendo o hábito de falar nihongo. Mesmo em casa com meus pais, quem puxava a frente era a minha mãe mesmo, eles tinham uma boa comunicação entre eles, mas eu fui tolhida na minha língua materna. (Hayafuji, T, 2023.).*

De acordo com Hall (2006), a linguagem desempenha um papel fundamental no processo de descentralização do sujeito na formação de sua identidade. Um exemplo desse distanciamento cultural ocorre quando a proficiência na língua japonesa enfraquece entre os descendentes. A vontade de aprender essa língua diminui ao longo das gerações, transformando-se de uma necessidade em uma escolha pessoal. Esse fenômeno resulta gradualmente na perda da cultura dos descendentes ao longo do tempo.

Segundo Hall (2006, p. 38) a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário ou fantasiado sobre sua

unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada, entre os descentramentos que Hall cita em sua obra está a linguística:

A língua é sistema social e não um sistema individual. Ele preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. (Hall, 2006, p. 40).

Figura 25: Família de Tereza Hayafuji da esquerda para direita: Seu pai Satoshi Fujita, seu irmão mais velho Horácio Fujita, sua irmã Sakae Fujita, sua mãe Yaeko Ouchi e seu irmão João Fujita no colo.



Fonte: Arquivo pessoal de Tereza.

E todos esses apagamentos ou superexposição de cultura, seja pelo idioma, seja pelos costumes ou até mesmo por características físicas específicas afetam a construção de identidades, havendo os descentramentos e a busca por pertencimento, seja na cultura materna seja na cultura dominante. Tereza diz mais sobre como tudo isso modificou sua vivência como descendente de Japonês:

*Afetou que nunca participei da colônia japonesa, com isso ergueu uma parede entre a cultura japonesa, e minha identidade, pois nunca participei da comunidade japonesa, não tive contato com a comunidade, não participei de um bunkyo, não tinha espaço pra mim nessa sociedade, não achava esse espaço, perdeu, mesmo depois de casada que ia nas festa de fim de ano, não me identificava. (Hayafuji, T, 2023).*

Conforme as reflexões de Hall (2006) os sentimentos contraditórios e não resolvidos que surgem durante a difícil fase de formação são fundamentais para o desenvolvimento inconsciente da pessoa. Esses sentimentos deixam a pessoa se

sentindo dividida e essa sensação acompanha-a ao longo da vida. Apesar de se sentir constantemente dividida, a pessoa tende a perceber sua identidade como unificada e resolvida, como se tivesse sido sempre assim desde o início. Isso acontece porque ela cria uma fantasia de si mesma como uma pessoa unificada durante uma fase específica de desenvolvimento, chamada de fase do espelho. Segundo a psicanálise, essa contradição é a origem da identidade. (Hall 2006, p.38).

FIGURA 26-27-28-29: Na foto 26 Tereza aos 19 anos, foto para *miai* (casamento arranjado). 27. Tereza escolheu seu próprio namorado Hatiro Hayafuji (meu pai), 28. Noivado de Tereza e Hatiro, 29. Casamento de Tereza e Hatiro.



Fonte: Arquivo pessoal de Tereza.

Como apontado por Bauman (2005) quando se fala sobre as escolhas culturais e preferências, pode haver mais discordâncias do que concordâncias. Os conflitos são comuns e muitas vezes intensos. Isso representa uma ameaça constante para a união social, bem como para a sensação de segurança e autoafirmação pessoal. Isso, por

sua vez, gera e mantém um estado de ansiedade elevado. Construir e manter uma identidade própria que seja consistente e aceita pelo público é uma tarefa desafiadora, que requer atenção constante e uma grande quantidade de recursos.

Nessa jornada Tereza percebeu as desigualdades de classe na sua história. A barreira tecnológica e social causada pela língua japonesa da primeira geração trouxe desafios de comunicação, influenciando sua compreensão das questões de igualdade. Essas experiências moldaram seu compromisso com a busca por justiça e equidade, refletido em seu envolvimento na política e na igreja.

*Na igreja, fui para me entender, me construir e me encontrar. E foi lá que me identifiquei, encontrei esse espaço em todos os sentidos. Despertou a necessidade de lutar por uma comunidade mais estruturada e foi onde descobri a política. Na questão de lutar pelos direitos, seja na saúde, educação, minha primeira ação foi na escola no Taboão da Serra, SP. Não tinha infraestrutura para as crianças, fizemos um abaixo assinado e conseguimos uma grande reforma para escola. Na igreja descobri que se juntarmos forças e nos organizar na legalidade conseguimos construir clínica dentária, conseguimos a abertura da biblioteca pública. E participando do conselho de saúde na Zona Leste ( tinha 99 conselhos de saúde) aprendi os meios legais para organizar um no bairro que morávamos, foi o primeiro conselho de saúde da Zona Norte de São Paulo, fizemos eleição, foi para diário oficial , tudo né, ai legalizou e foi através desse conselho que conseguimos várias melhorias no bairro. Chegando em Campo Grande julho de 1990, trabalhei pela igreja com a questão do MST, ajudando e organizando documentos para assentamento. Organizando associação de bairros também. Participei de vários projetos das campanhas da fraternidades desde 1995 até 2005, questões como dos quilombolas, indígenas, ribeirinhos, campanha da fraternidade contra fome do Betinho, conseguimos tirar 42 meninos em situação de rua para trabalhar numa horta comunitária, no bairro Maria dos Imigrantes, com o projeto de assentamento conseguimos ajudar 110 famílias no Assentamento Vista Alegre, pela Cebis ( Comunidades Eclesiais de base), considerado a própria Igreja a base, base que forma os missionários para atuar nas aéreas que mais se identifica que vai para sociedade, alcança a política, associações de bairro, movimentos sociais, na questão dos povos indígenas, quilombolas. (Hayafuji, T, 2023).*

No que Hall (2006) À medida que as culturas nacionais são mais expostas a influências externas, preservar as identidades culturais sem alterações significativas torna-se desafiador, sendo difícil evitar o enfraquecimento resultante do impacto e da penetração cultural.

Quanto :mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente".(Hall, 2006, p.75).

Figura 30-31: 30. Tereza com o Bispo Dom Vitorio Pavanelli, na formação como Ministra da Palavra. 31. Tereza na Paroquia São Judas Tadeu, 2004, Padre Nelson Taffarel.



Fonte: Arquivo pessoal de Tereza.

Em resumo, Hall (2006 p. 87) nos fala que parece que a globalização tem o efeito de questionar e deslocar as identidades focadas e "fechadas" de uma cultura nacional. Isso resulta em uma diversidade de possibilidades e novas formas de identificação, tornando as identidades mais situacionais, políticas, diversas e menos fixas, unificadas ou atemporais.

Figura 32-33: Encontro da Cebis (Comunidades Eclesiais de Base) em Ilhéus BA, 2000.



Fonte: Arquivo pessoal de Tereza.

Na igreja e conseqüentemente a política abriram espaços onde pode expressar suas opiniões, contribuições sociais e a conectar com outros que compartilharam suas preocupações. Essa busca por uma identidade independente levou Tereza a desafiar as normas culturais, especialmente aquelas transmitidas pela cultura japonesa. Sua vivência lhe permitiu encontrar elementos que se manifestavam ou permaneciam, ainda com o passar do tempo e com todas as dificuldades enfrentadas, de forma que moldavam ou reforçavam a sua identidade. No que Tereza reflete sobre essas quebras:

*Eu acho que não tive muito laços com a cultura japonesa, aliás os laços foram cortados no decorrer da minha infância e adolescência. Se tive alguma participação para maior interação dos nikkeis foi nessa questão de acolhe-los quando apareciam na igreja que eu estava trabalhando, no coletivo, dentro das comunidades. Na sociedade sim tenho orgulho por ter participado de muitos projetos, mas nada voltado para comunidade nikkei e sim para sociedade num todo. Tanto é que tive uma condecoração na câmara dos vereadores, um reconhecimento nesse sentido, me encontraram por ser nikkei, mas meus trabalhos foram todos revertidos para sociedade no geral, não direcionado somente para os nikkeis, tanto que do lado de casa tem uma vertente da igreja católica, uma casa que acolhe só os descendentes de japoneses, eu acho um absurdo, porque essa diferença? Eu não concordo. Não participo porque não tenho essa visão. Comunidade é total, independente das descendências de cada um. Mas acredito que essa vontade de fazer tudo no coletivo vem sim dos meus antepassados, porque antigamente a família era nesse sentimento de gambare. (Hayafuji, T, 2023).*

Conforme a observação de Hall (2006) no que se refere às identidades, essa mudança entre Tradição e Tradução está se tornando mais clara em um contexto global. Em todos os lugares, estão surgindo identidades culturais que não são fixas, mas estão em transição entre diferentes posições. Elas se inspiram em diferentes tradições culturais e são o resultado dessas misturas cada vez mais comuns em um mundo globalizado. Pode parecer que, na era da globalização, as identidades estão destinadas a acabar em um lugar ou outro: ou retornando às suas "raízes" ou desaparecendo através da assimilação e da uniformização.

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e ao mesmo tempo a várias casas (e não a uma "casa" particular). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas tem sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural "perdida" ou de absolutismo étnico. (Hall, S, 2006, p. 88)

Figura 34-35: Tereza Hayafuji sendo homenageada na Câmara dos Vereadores por seu trabalho social pela Igreja Católica, 2006.



Fonte: Arquivo pessoal de Tereza.

Sobre isso Bauman (2005) nos diz que quando a identidade perde suas âncoras sociais que a conferiam uma aparência "natural", pré-determinada e inalterável, a ênfase na "identificação" ganha relevância para aqueles que buscam fervorosamente um senso de pertencimento, buscando assim uma base à qual possam legitimamente acessar. Como afirma Lars Dencik.

A partir da experiência escandinava: As afiliações sociais - mais ou menos herdadas - que são tradicionalmente atribuídas aos indivíduos como definição de: raça, gênero, país ou local de nascimento, família e classe social agora estão se tornando menos importantes, diluídas e alteradas nos países mais avançados do ponto de vista tecnológico e econômico. Ao mesmo tempo há a ansia e as tentativas de encontrar ou criar grupos com os quais se vivencie o pertencimento e que possam facilitar a construção da identidade. (Dencik, L, apud Bauman 2005, p. 30-31)

Por todo sofrimento que toda família passou, esse sentimento de ir à luta, de sobrevivência, de ter conseguido esse espaço para os descendentes, é motivo de orgulho para Tereza.

*Eu fico orgulhosa por ter chegado até aqui, mas não teria conseguido se a sociedade em minha volta não acompanhasse esse crescimento. Eu acho que esse sentimento de ir à luta, esse gembare é muito forte das mulheres da minha família, desde a minha batchan, minha mãe, minhas tias, que foram exploradas quando chegaram aqui, elas sempre batalharam para sobreviver, enfrentando qualquer coisa por isso venceram, cada uma do seu jeito. (Hayafuji, T, 2023).*

Vinda de uma família patriarcal, apesar de ter ficado órfã muito cedo de pai e mãe, essa dinâmica permaneceu com Tereza, por isso o ressentimento de seu irmão mais velho, impondo as condições, sem diálogo, era uma relação conflituosa e desafiadora devido ao machismo dele, pressionou Tereza a se conformar com suas expectativas, momentaneamente, mas ao longo do tempo, aprendeu a encontrar sua própria voz.

*Nunca desisti, eu acho que a minha família sempre foi patriarcal. Ela se manteve desde que lembro do meu pai parando de trabalhar e minha mãe sempre trabalhando. Minha mãe organizando tudo e o pai se aposentou por conta. Minha mãe não se importava, aí a dinâmica da minha família continuou assim, mesmo o meu marido trabalhando, eu cuidava da família, da casa, mas sempre trabalhando também. Sempre foi tudo junto, o dinheiro era tudo junto, sempre para família, sempre para construir algo para família. (Hayafuji, T, 2023).*

Embora sua mãe japonesa vivendo aqui no Brasil, Tereza é enfática, de japonesa só as características físicas mesmo:

*Minha mãe era japonesa, vivia como uma japonesa, mas eu não, minha vivência foi conviver com a diversidade do Brasil, sempre tive muita facilidade de me adaptar, mesmo indo para o Japão morei lá durante 4 anos, nunca tive dificuldade de me adaptar, me dou bem com qualquer um, pode ser preto, amarelo, verde. Isso foi a minha vivência. (Hayafuji, T, 2023).*

Como discutido por Hall (2006) alguns teóricos sugerem que, devido a processos globais, as identidades culturais nacionais têm sido enfraquecidas ou minadas. Eles argumentam que há evidências de que as pessoas estão se identificando menos fortemente com sua cultura nacional e mais com outras identidades culturais, tanto acima quanto abaixo do nível do estado-nação. Embora as identidades nacionais ainda sejam importantes em questões como direitos legais e cidadania, as identidades locais, regionais e comunitárias estão ganhando mais relevância. Identificações "globais" estão começando a sobrepujar e, às vezes, a substituir as identidades nacionais. (Hall 2006, p. 73)

Figura 36: Encontro da Cebis (Comunidades Eclesiais de Base) em Itabira MG, 2005.



Fonte: Arquivo pessoal de Tereza.

Como afirmou Hall (2006) o feminismo influenciou na mudança de ideias sobre como as pessoas são vistas e organizadas na sociedade. Ele questiona a separação tradicional entre coisas pessoais e públicas, como família e trabalho. O feminismo também destacou que questões pessoais, como sexualidade e cuidado com as crianças, têm aspectos políticos.

O movimento feminista começou focado em melhorar a posição social das mulheres, mas depois se expandiu para incluir a forma como as identidades sexuais e de gênero são moldadas. Em vez de acreditar em uma identidade universal para homens e mulheres, o feminismo destaca a importância das diferenças entre os sexos.

Além disso, o feminismo trouxe para a discussão política o modo como somos moldados como pessoas, incluindo nossa subjetividade e identidade. Isso significa que o feminismo não se concentra apenas em questões sociais, mas também analisa como as identidades de gênero são criadas e mantidas. (Hall, S, 2006, p.45 -46)

O feminismo não apenas buscou igualdade de gênero em termos de posições sociais, mas também questionou as ideias e estruturas sociais que mantêm as diferenças de gênero. Ele destaca a importância da diferença sexual e questiona a ideia de uma identidade universal.

No que Tizuka (2004) reflete sobre suas inspirações para fazer cinema:

Creio que inconscientemente eu queria realizar um filme sobre uma mulher. Quando fiz "Gaijin" não tinha consciência de que houvesse alguma dificuldade extra para a mulher diretora de cinema. Afinal, eu vinha de uma família que era um verdadeiro patriarcado. Uma família de mulheres muito fortes. Só nos festivais internacionais percebi que as mulheres ficavam entusiasmadas com o "Gaijin", queriam saber das condições de trabalho de uma mulher cineasta no Brasil. (Yamasaki, T, 2004, p. 80).

Segundo Tizuka (2004) ela foi muito questionada sobre o feminismo no lançamento de "Gaijin". Nunca havia se preocupado com esse assunto e não foi à toa que abraçou o tema. Foi mais para conhecer o assunto do que para levantar uma bandeira. O cinema é o meio mais completo (som, imagem, comportamento, costumes, etc.) para refletir a cultura brasileira. É o verdadeiro espelho da identidade cultural do país. Portanto, na sua opinião, o cinema deve ser defendido pelo Estado com a mesma importância dada a um item de segurança nacional. No entanto, o Estado não pode agir como interventor. Caso contrário, corre-se o risco de deixar de produzir o cinema criativo para fazer filmes didáticos que nem o público escolar aguentaria. (Yamasaki, T, 2004, p. 81,112)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto deste estudo sobre as memórias e identidades das mulheres *nikkeis* criadas no matriarcado, é evidente que suas construções identitárias são complexas, refletindo as influências de suas heranças culturais e dos ambientes em que vivem. Ao considerar as obras de autores como Hall e Bauman, observamos como essas mulheres negociam e constroem suas identidades em meio a diversas influências culturais e sociais. Elas enfrentam desafios ao lidar com interrelação de sua herança japonesa com a cultura brasileira na qual estão imersas, além de como são representadas na mídia e na sociedade em geral. Isso tem um impacto significativo em sua autoimagem e senso de pertencimento, sobretudo ao constatarmos que suas identidades não seguem os padrões familiares tradicionais e são influenciadas por uma constante transição entre diferentes culturas e contextos históricos.

As histórias de Tizuka Yamasaki e Tereza Hayafuji exemplificam a complexidade das narrativas de pertencimento, especialmente em relação à estrutura matriarcal de suas famílias e às influências de suas experiências pessoais. Assim como essas mulheres, vejo minha própria identidade em constante construção, desafiando diariamente as normas que tentam me limitar. É notável como a estrutura matriarcal das famílias dessas mulheres influenciou suas vidas e sua percepção de si mesmas, destacando a importância de considerar não apenas a herança cultural, mas também as dinâmicas familiares na formação da identidade *nikkei* no Brasil.

Tizuka é enfática quanto a estrutura matriarcal de sua família:

Minha família é um matriarcado explícito. Vovó ou *batchan*, já fez 100 anos. Ela é fonte de inspiração do meu último filme, “*Gaijin 2*” e sempre foi a comandante de nós todos. Minha mãe é mais calada, mais japonesa, digamos assim, porém muito determinada no seu silêncio. Ficou viúva cedo, teve duas filhas: eu e Yurika. Também duas mulheres bastante fortes. (Yamasaki, T, p. 117).

Tereza Hayafuji descreve sua *batchan*, tias e a mãe como a matriarcas das famílias, dizendo na entrevista que elas nunca desistiram de lutar, e manter seus filhos fortes, sustentando a ideia de que a estrutura familiar matriarcal permaneceu desde suas primeiras lembranças, quando seu pai parou de trabalhar e sua mãe assumiu o papel principal, organizando os afazeres domésticos enquanto o pai se aposentava

por vontade própria, sem que isso incomodasse a sua mãe. Essa dinâmica persistiu na nossa família, mesmo com o marido trabalhando, ela continuava a cuidar do lar e da família, sempre combinando suas responsabilidades domésticas com o trabalho remunerado. A gestão financeira era feita em conjunto, sempre visando o bem-estar e o progresso familiar.

Durante a pesquisa, pude constatar que tanto eu quanto as entrevistadas compartilhamos da experiência de retornar ao país de nossos avós e lidar com as diferenças culturais. Essa influência diversificada se manifesta de diversas formas em nossas identidades. Não somos exclusivamente produtos da cultura japonesa ou da cultura em que estamos inseridas; nossas identidades incorporam elementos de ambas, assim como outras influências que encontramos ao longo de nossas vidas.

Os costumes culturais geralmente têm início em uma construção imaginada, algo que ainda é evidente nas comunidades nipo-brasileiras, como nos clubes conhecidos como *kaikan*, que buscam manter a integração da comunidade *Nikkei* e preservar a herança cultural. Essa comunidade imaginada, conceito considerado "puro" por Hall, unifica os indivíduos sob uma identidade cultural, independentemente de diferenças classe ou gênero. Isso é alcançado por meio da criação de mitos fundacionais e narrativas que servem como referência, estabelecendo a origem da nação em um passado distante para difundir a ideia de uma linhagem pura e original.

Segundo Hall (1996), o conceito de "identidade cultural" pode ser compreendido de duas maneiras principais. Na primeira, a ela é vista como o compartilhamento de uma cultura coesa, uma forma genuína e coletiva de ser, que está subjacente a várias outras formas mais superficiais ou impostas artificialmente. De acordo com essa abordagem, nossas identidades culturais refletiriam experiências históricas compartilhadas e códigos culturais comuns, fornecendo uma base sólida para nosso grupo. Essa "indivisibilidade", que está por trás de todas as outras diferenças mais superficiais, representa a verdadeira essência da experiência cultural específica.

Por outro lado, na segunda abordagem, a identidade cultural não é algo estático, mas sim um processo contínuo de "tornar-se". Ela não existe predefinida e não transcende lugar, tempo, história e cultura. As identidades culturais possuem origens e trajetórias, mas, como tudo que é histórico, estão sujeitas a mudanças. Em

vez de se basearem exclusivamente na "recuperação" de um passado que aguarda ser descoberto, garantindo assim estabilidade eterna ao senso de identidade, elas assumem os rótulos atribuídos às diversas maneiras como somos moldados pelas histórias passadas e como nos posicionamos dentro delas. (Hall 1996, p. 24)

Atualmente, as culturas nacionais das quais fazemos parte são uma das principais fontes de nossa identidade cultural. Ao nos definirmos, muitas vezes dizemos que somos britânicos, galeses, indianos ou jamaicanos. É claro que, ao fazer isso, estamos usando metáforas, pois essas identidades não estão literalmente programadas em nossos genes. No entanto, pensamos nelas como se fossem parte essencial de nossa natureza. As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (Hall, S, 2006, p. 47-50).

A segunda geração da imigração japonesa no Brasil, composta pelos filhos dos primeiros imigrantes japoneses, enfrentou desafios de adaptação devido à forte ligação com o Japão mantida por seus ancestrais. Encorajados a preservar elementos culturais como festas típicas, hábitos alimentares, tradições matrimoniais e o aprendizado da língua japonesa, os *nisseis* cresceram imersos na cultura tradicional japonesa, o que naturalmente dificultou a assimilação da cultura brasileira.

Entretanto, para as mulheres *nikkeis* criadas em lares matriarcais e feministas, essa experiência foi transformadora e influenciou positivamente suas identidades. Conforme exposto por Hall, as identidades são intrinsecamente fluidas, moldadas por processos sociais e culturais em constante evolução. Dentro de um contexto matriarcal e feminista, essas mulheres encontraram um ambiente propício para explorar diversas dimensões de suas identidades, desafiando normas de gênero e promovendo a igualdade entre os sexos. Esse ambiente seguro proporcionou a essas mulheres um espaço para desenvolver uma autoimagem positiva e uma compreensão mais profunda de sua identidade individual.

Adicionalmente, Bauman (2020) argumenta que as identidades modernas são caracterizadas por uma crescente fluidez e estão sujeitas a mudanças constantes. Em lares matriarcais e feministas, essas mulheres *nikkeis* são incentivadas a serem flexíveis e adaptáveis, habilidades essenciais para enfrentar os desafios de viver em uma sociedade dinâmica e em transformação. Nesse sentido, elas se tornam mais

habilidades para navegar entre diferentes identidades culturais e encontrar um senso de pertencimento em meio à diversidade cultural.

Em resumo, é possível notar que essas mulheres *nikkeis* criadas em lares matriarcais e feministas no processo de construção de suas identidades encontraram nesses ambientes um terreno fértil para a expressão e exploração de sua herança cultural, enquanto desafiam construções normativas de gênero, desenvolvendo uma flexibilidade identitária que as capacita a prosperar em um contexto sociocultural em constante transformação. Sou profundamente grata por ter nascido nesse contexto e sinto um grande orgulho da minha brasilidade nipônica.

"Você deve criar sua própria identidade. Você não a herda". Essa reflexão de Bauman nos lembra que é através de nossas escolhas, experiências e valores que moldamos quem somos, independente das influências que recebemos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: IPHAN, 1996. p. 68-75.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-23.

SAITO, Hiroshi (org.), 1980. A Presença Japonesa no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz / Edusp.

SIMÕES I. (2004). Tizuka Yamasaki: a vida invade o cinema. In: SIMÕES, Inimá. Brasília: M FARANI.

VELASCO, R.; FENSTERSEIFER WEISSHEIMER, R. IDENTIDADE: Entrevista a Benedetto Vecchi – Zygmunt Bauman. Ano de publicação (2020).

SAKURAI, Célia. Imigração japonesa para o Brasil. Um exemplo de imigração tutelada- 1908-1941. In: XXII Encontro Nacional da ANPOCS, GT 9 Migrações Internacionais, outubro de 1998, Caxambu-MG.

SAKURAI, Célia. Imigração Japonesa para o Brasil: um exemplo de Imigração Tutelada (1908- 1941). IN: FAUSTO, Boris (org.). Fazer a América. São Paulo: EDUSP, 1999.

SAKURAI, Célia. Imigração Tutelada: Os japoneses no Brasil. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

SASAKI Pinheiro, Elisa Massae. Ser ou não ser japonês? A construção da identidade dos brasileiros descendentes de japoneses no contexto das migrações internacionais do Japão contemporâneo. Campinas, SP: [s. n.], 2009.

COTRIM, A. de S. Assimilação e identidade em Hiroshi Saito. Estudos Japoneses, [S. l.], n. 43, p. 33-45, 2020. DOI: 10.11606/ej.vi43.185937. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/185937>. Acesso em: 3 jan. 2024.

MOTOYAMA, S. Ciência, cultura e a tecnologia e a restauração Meiji. Estudos Japoneses, [S. l.], n. 14, p. 93-100, 1994. DOI: 10.11606/ej.v0i14.142706. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/142706>. Acesso em: 14 out. 2023.

Yamasaki, T. (2007, outubro 11). Centenário da Imigração Japonesa: 100 anos de histórias. Cinema e identidade cultural. Depoimento à jornalista Renata Costa. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/perfil/38/historia/58/>. Acessado em: 14/01/2024.

Yamasaki, T. (2007, outubro 11). Centenário da Imigração Japonesa: 100 anos de histórias. Eu vim lá do Sul. Depoimento à jornalista Renata Costa. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/perfil/38/historia/58/>. Acessado em: 14/01/2024.

Yamasaki, T. (2020, novembro 2). “Memória do Cinema”, do Acervo MIS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qQTM0aMvcY8>. Acessado em: 14/01/2024.

Yamasaki, T. (Diretora) (2005). Gaijin: Ama-me Como Sou [Filme]. Scena Filmes. Disponível em: <https://www.youtube.com/@rodrigohoharaphotos>. Acessado em: 14/01/2024.

Yamasaki, T. (Diretora). (1980). Gaijin: Caminhos da Liberdade [Filme]. C.P.C. – Centro de Produção e Comunicação. Disponível em: <http://www.youtube.com/@CarlosLimaAssistenteSocial>. Acessado em: 14/01/2024.

<https://museudaimigracao.org.br/blog/conhecendo-o-acervo/hospedaria-de-historias-o-kasato-maru-e-a-hospedaria-de-imigrantes-do-bras>

<https://www.bunkyo.org.br/br/museu-historico/>

## GLOSSÁRIO

Batchan :Avô.

Bunka :Clube de membros descendentes de japoneses.

Dekassegui :Trabalhador temporário.

Ditchan :Avô.

Gaijin :Estrangeiro.

Gakkô :Escola.

Gambarê :Esforço, disposição para suportar as adversidades com coragem e resignação.

Isseis :Japoneses que vieram do Japão. Primeira geração fora do Japão.

Kaikan :Sede, espaço físico do nihonjin-kai.

Matsuri :Festa de agradecimento aos deuses pela colheita.

Miai :Casamento arranjado.

Nakodo :Pessoa que faz arranjo de casamentos entre nikkeis.

Nihon :Japão.

Nihongako :Escola de língua japonesa.

Nihongo :A língua japonesa.

Nikkei :Designação geral para imigrante japonês e seus descendentes.

Nissei :Filhos dos japoneses que vieram do Japão. Segunda geração fora do Japão.

Nipo Brasileira :Que ou quem é de origem japonesa e brasileira.

Nodojiman :Concurso para calouros de canto.

Odori :Dança japonês.

Sensei :Professor.

Undokai :Gincana com prêmios.